

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT
LICENCIATURA LETRAS PORTUGÊS/INGLÊS**

GIOVANNA COMUNI DOS REIS

**A INTERTEXTUALIDADE PRESENTE NA OBRA O SENHOR DOS
ANÉIS, DE J.R.R. TOLKIEN, E O ANEL DO NIBELUNGO, A ÓPERA DE
RICHARD WAGNER**

ATIBAIA, SP

2020

GIOVANNA COMUNI DOS REIS

A INTERTEXTUALIDADE PRESENTE NA OBRA O SENHOR DOS ANÉIS, DE J.R.R. TOLKIEN, E O ANEL DO NIBELUNGO, A ÓPERA DE RICHARD WAGNER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras Português/Inglês pelo Centro Universitário UNIFAAT, sob orientação da professora Sônia Brown.

ATIBAIA, SP

2020

GIOVANNA COMUNI DOS REIS

A INTERTEXTUALIDADE PRESENTE NA OBRA O SENHOR DOS ANÉIS, DE J.R.R. TOLKIEN, E O ANEL DO NIBELUNGO, A ÓPERA DE RICHARD WAGNER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras Português/Inglês pelo Centro Universitário UNIFAAT, sob orientação da professora Sônia Brown.

Atibaia, SP, ____ de dezembro de 2020

BANCA EXAMINADORA:

ATIBAIA, SP

2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais Silvio e Cristiane, pois graças a eles eu tive a oportunidade de ter acesso à educação de qualidade durante minha vida toda.

Agradeço ao meu irmão, Nicholas, por ter me apresentado *O Senhor dos Anéis* quando eu era pequena e por me apresentar, também, *O Anel do Nibelungo*, sem ele esse trabalho não existiria.

Agradeço a minha prima, Andressa, por sempre me incentivar e torcer por mim.

Agradeço a minha orientadora, Prof.^a Sônia, por se dispor a me ajudar e por ser paciente com as minhas incansáveis dúvidas.

E, por último, agradeço a minha faculdade, UNIFAAT, por disponibilizar um ensino de qualidade e pelos professores incríveis que tive a honra de conhecer.

Obrigada a todos!



*Três Anéis para os élficos reis sob o céu,
Sete para os Anões em recinto rochoso,
Nove para os Homens, que a morte escolheu,
Um para o Senhor Sombrio no espaldar tenebroso
Na terra de Mordor aonde a Sombra desceu.
Um Anel que a todos rege, Um Anel para achá-los,
Um Anel que a todos traz para na escuridão atá-los
Na Terra de Mordor aonde a Sombra desceu.*

(TOLKIEN, 1954, p. 103).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise intertextual entre a obra *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien, e a ópera *O Anel do Nibelungo*, de Richard Wagner. Para tal, serão analisados estudos relacionados à intertextualidade e suas aplicações, demonstrando a importância que os recursos linguísticos desempenham na criação de obras literárias, mais precisamente a intertextualidade, e na sua contribuição para a formação do leitor crítico na sociedade contemporânea. Entender como essas relações intertextuais funcionam é fundamental para a total compreensão dos mitos presentes nos textos citados. As obras mencionadas serão analisadas e estudadas de forma a encontrar um paralelo entre elas, questionando um possível diálogo entre *O Senhor dos Anéis* e a ópera *O Anel do Nibelungo*, inspirando, possivelmente, a criação da Terra Média de Tolkien. Ao alcançar o objetivo proposto, esta pesquisa evidencia o quanto a ópera de Richard Wagner influenciou a Terra Média, bem como a mitologia nórdica.

Palavras-chave: J.R.R. Tolkien. Richard Wagner. *O Senhor dos Anéis*. *O Anel do Nibelungo*.

ABSTRACT

This work aims to perform an intertextual analysis between the work *The Lord of the Rings*, by J.R.R. Tolkien, and the opera *The Ring of the Nibelung*, by Richard Wagner. To this end, studies related to intertextuality and its applications will be analyzed, demonstrating the importance that linguistic resources play in the creation of literary works, more precisely intertextuality, and in their contribution to the formation of critical readers in contemporary society. Understanding how these intertextual relations work is fundamental for the full understanding of the myths present in the texts cited. The mentioned works will be analyzed and studied in order to find a parallel between them, questioning a possible dialogue between *The Lord of the Rings* and the opera *The Ring of the Nibelung*, possibly inspiring the creation of Tolkien's Middle Earth. Upon reaching the proposed objective, this research shows how much Richard Wagner's opera influenced Middle Earth, as well as Norse mythology.

Keywords: J.R.R. Tolkien. Richard Wagner. *The Lord of the Rings*. .

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tolkien em 1940.....	14
Figura 2 – A Sociedade do Anel.....	17
Figura 3 – As Duas Torres.....	18
Figura 4 – O Retorno do Rei.....	20
Figura 5 – Richard Wagner em 1871.....	24
Figura 6 – As Filhas do Reno provocam Alberich.....	28
Figura 7 – Brünnhilde, a Valquíria.....	31
Figura 8 – Siegfried mata Fafner.....	33
Figura 9 – Brünnhilde e Grane saltam na pira funerária de Siegfried.....	37
Figura 10 – As Inscrições do Um Anel.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A INTERTEXTUALIDADE	12
2. VIDA E OBRA DE J.R.R. TOLKIEN	14
2.1 <i>O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel</i>	17
2.2 <i>As Duas Torres</i>	18
2.3 <i>O Retorno do Rei</i>	20
3. VIDA E OBRA DE RICHARD WAGNER	24
3.1 <i>O Anel do Nibelungo – O Ouro do Reno</i>	28
3.2 <i>A Valquíria</i>	29
3.3 <i>Siegfried</i>	32
3.4 <i>O Crepúsculo dos Deuses</i>	34
4. O SENHOR DOS ANÉIS E O ANEL DO NIBELUNGO: UMA RELAÇÃO INTERTEXTUAL	38
4.1 <i>A Origem do Anel</i>	38
4.2 <i>O Anel de Poder</i>	39
4.3 <i>Velho Sábio: Gandalf e Wotan</i>	42
4.4 <i>Espada Partida: Andúril e Nothung</i>	46
4.5 <i>Alma Corrompida: Sméagol e Alberich</i>	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

Entende-se por intertextualidade a influência ou relação entre dois ou mais textos, ou seja, é uma espécie de diálogo entre as construções visíveis no conteúdo. Esse diálogo pode ocorrer de forma implícita ou explícita, sendo a explícita uma relação direta com o texto fonte, e a implícita estabelecendo uma relação indireta, sendo necessário que o leitor recupere a fonte do intertexto na memória.

A intertextualidade possui uma importância inquestionável para a leitura e a produção de textos, pois realça o estudo da coerência através do conhecimento declarativo ou do conhecimento construído a partir de nossas vivências. Para que o leitor possa compreender de fato a intertextualidade, é necessária uma ampla bagagem de leitura, permitindo a ciência de tais ligações nos diferentes textos.

A presença da intertextualidade na sociedade contemporânea é indiscutível, seja ela em obras literárias, nas músicas, no teatro, no cinema e etc. Uma grande parte dos textos encontrados no século XXI contém, consciente ou inconscientemente, uma alusão a alguma informação já captada e incorporada pelo emissor.

Desse modo, o presente trabalho busca analisar a relação intertextual entre a obra *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien e a ópera *O Anel do Nibelungo*, de Richard Wagner, buscando um paralelo entre elas. Propõe, ainda, um estudo detalhado a respeito da vida dos autores e das obras citadas, evidenciando a influência do ciclo do anel de Wagner na criação da Terra Média de Tolkien, bem como a mitologia nórdica e os mitos germânicos, temas muito estudados por ambos os autores.

J.R.R.Tolkien, nascido apenas nove anos após a morte de Richard Wagner, foi um autor mundialmente conhecido, professor universitário e filólogo britânico. Suas obras possuem uma grande influência sobre a sociedade atual, mesmo décadas após suas publicações. Isso se deve ao fato da elevada genialidade e inovação presente em suas obras, demonstrando um caráter filosófico indubitável.

Richard Wagner é considerado um dos maiores compositores de todos os tempos. Ele introduziu novas e diferentes técnicas em suas obras como o leitmotiv, técnica que consiste no uso de um ou mais temas que se repetem sempre que se encena uma passagem da ópera relacionada a uma personagem ou a um assunto. Diferentemente de todos compositores, Wagner escrevia seus próprios libretos, texto usado ou destinado a uma obra musical extensa, como uma ópera. Sua genialidade era tanta que poucas pessoas são capazes de compreender a complexidade presente em suas óperas, tema discutido até hoje.

As obras selecionadas para o presente trabalho, *O Senhor dos Anéis* e *O Anel do Nibelungo*, têm, num primeiro momento, um tema em comum: o anel de poder. Ambas narrativas são centradas no anel, o instrumento de poder absoluto para quem o possuir, fazendo uma clara alusão à corruptibilidade presente no coração dos homens. Nem mesmo os grandes sábios estão livres de sua influência e poder, é o caso de Gandalf, o mago, que quase sucumbiu à tentação do Um Anel, enquanto Saruman foi totalmente dominado por ele, em *O Senhor dos Anéis*. Na tetralogia, *O Anel do Nibelungo*, Wotan (Odin) também foi tentado pelo anel em Asgard, colocando-o em seu dedo, porém foi avisado por Erda, Deusa da raça dos Vala, sobre a maldição presente nele e o abandonou.

A ganância é outro ponto chave presente nas duas obras, pois está associada à maldição e o desejo pelo poder advindo do anel, como demonstra em “O próprio desejo de tê-lo (o anel) corrompe o coração” (TOLKIEN, 2019, p. 382). Assim como Wagner aponta em sua obra: “Aquele que não o tiver (o anel), seja assolado pela ganância!” (WAGNER, 2019, p.76).

Este trabalho será dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo “A Intertextualidade” irá tratar sobre o significado do termo de acordo com Koch, Bentes e Cavalcante, abordando os tipos de intertextualidade e suas aplicações. O segundo, intitulado “Vida e obra de J.R.R.Tolkien”, tratará sobre a vida de John Ronald Reuel Tolkien, a criação da Terra Média e a obra *O Senhor dos Anéis*. O terceiro capítulo “Vida e obra de Richard Wagner” abordará os acontecimentos da vida do compositor e sua ópera *O Anel do Nibelungo*. Por fim, o último capítulo “*O Senhor dos Anéis* e *O Anel do Nibelungo*: uma relação intertextual” tratará sobre os paralelos encontrados nas duas obras.

Dessa maneira, espera-se contribuir positivamente com os estudos relacionados à intertextualidade e suas aplicações, evidenciando sua importância para a formação do leitor crítico e para as obras literárias. E, por fim, buscou-se contribuir com os estudos Tolkienianos e Wagnerianos, enaltecendo a Literatura Inglesa e a mitologia nórdica.

1. A INTERTEXTUALIDADE

O termo intertextualidade foi utilizado pela primeira vez em 1967 por Julia Kristeva, crítica literária francesa, que criou o seguinte conceito de intertextualidade: “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1974, p. 60). Tal definição é baseada na teoria de Bakhtin acerca do dialogismo. Segundo Bahktin “O texto só ganha vida em contato com outro texto (em contexto). Somente neste ponto de contatos entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo.” (BAKHTIN, 2006, p. 191).

Inter é um sufixo de origem latina e faz referência à noção de relação, textualidade tem como significado um conjunto de características que fazem com que um texto seja considerado tal. Entende-se por intertextualidade, então, a relação e o diálogo entre textos.

Segundo Portela (1999), de acordo com os conceitos de Kristeva (1974, p.60), podemos entender:

O termo intertextualidade designa essa transposição de um (ou de vários) sistema(s) de signos noutro (...) “num sistema significativo, o qual exige uma nova articulação do tético- da personalidade enunciativa e denotativa”. Quando ocorre um diálogo entre os muitos textos de uma (ou várias) cultura(s) que se instala no interior de cada texto e o define, tem-se o fenômeno da intertextualidade, um ponto de intersecção de muitos diálogos, cruzamento de vozes oriundas de práticas da linguagem socialmente diversificada, que têm no texto sua realização. (PORTELA, 1999, p. 69).

Koch (2000, p. 46) comenta:

Todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos, que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe.

Para Koch, Bentes e Cavalcante (2012) a intertextualidade pode ser dividida em dois grandes grupos:

– Intertextualidade *stricto sensu* (restrita): ocorre “quando em um texto está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou memória discursiva dos interlocutores”. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p.17);

– Intertextualidade *lato sensu* (ampla): ocorre “quando se relaciona gênero, intertextualidade e poder social”. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p.46), ou

seja, as relações intertextuais não ocorrem através de textos isolados, mas como práticas discursivas dos gêneros em uma metagenericidade.

A intertextualidade pode ser classificada conforme sua relação com o texto fonte, ou seja, se aparece de forma explícita ou implícita. Segundo Koch (2009, p. 146):

A intertextualidade será explícita quando, no próprio texto, é feita a menção da fonte do intertexto, como acontece nas citações, referências, menções resumos, resenhas e traduções, na argumentação por recurso à autoridade, em como, em se tratando de situações face a face, nas retomadas do texto do parceiro, para encadear sobre ele ou contraditá-lo.

Diferentemente da intertextualidade explícita, a implícita não possui citação direta da fonte “A intertextualidade implícita ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, como nas alusões, na paródia, em certos tipos de paráfrases e ironias.” (KOCH, 2012, p. 92).

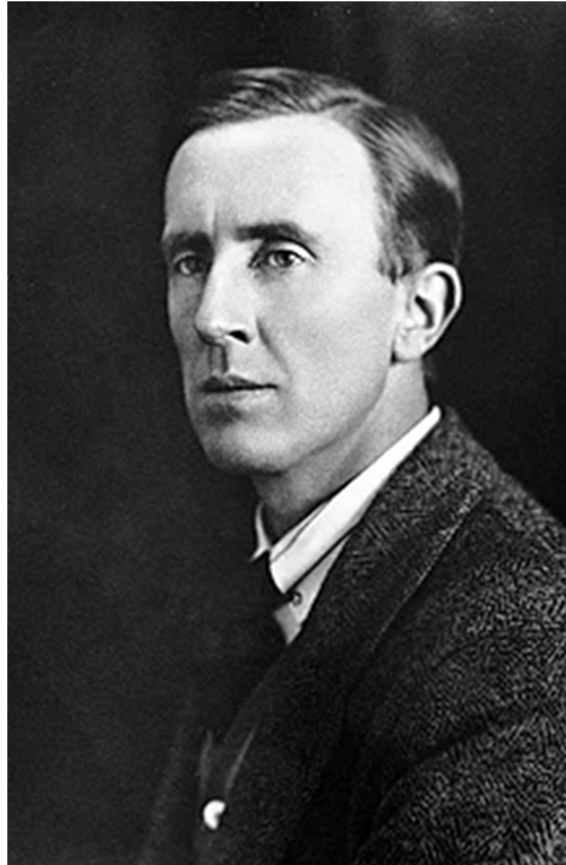
Na intertextualidade implícita o leitor tem um papel fundamental, pois para que o texto seja codificado corretamente, ele precisa recuperar a fonte do intertexto na memória, Koch (2012) diz:

Desse modo, nas produções textuais por esse tipo de intertextualidade (implícita), o autor não apresenta a fonte, porque pressupõe que já faça parte do conhecimento textual do leitor. Então para a produção de sentido, o leitor deve estabelecer o ‘diálogo’ proposto entre os textos e a razão da recorrência implícita a outro(s) texto(s). (KOCH, 2012, p. 93).

De acordo com tais citações, aplicaremos as teorias da intertextualidade de Koch, analisando se há um possível diálogo entre as obras *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien, e *O Anel do Nibelungo*, de Richard Wagner.

2. VIDA E OBRA DE J.R.R. TOLKIEN

Figura 1: Tolkien em 1940



Fonte: Wikipedia

John Ronald Reuel Tolkien, mais conhecido como J. R. R. Tolkien, nasceu em Bloemfontein, África do Sul, no dia 3 de janeiro de 1892. Filho de Arthur Reuel Tolkien, um bancário inglês que trabalhava para o *Bank of Africa*, e Mabel Suffield Tolkien, também inglesa, J.R.R. Tolkien tinha um irmão mais novo, Hilary Arthur Reuel Tolkien.

Aos três anos de idade, viaja à Inglaterra com sua mãe e seu irmão mais novo para uma longa visita familiar. Antes de ir à Inglaterra para juntar-se à família, o pai contraiu febre reumática na África do Sul e acaba falecendo em 1896. A mãe, Mabel Suffield, decide, então, ficar na Inglaterra até o fim de seus dias, onde faleceu no ano de 1904 em decorrência da diabetes, doença que na época não tinha tratamento.

Tolkien e seu irmão ficaram órfãos e seus cuidados foram entregues ao Padre Francis Morgan, amigo da igreja onde Mabel e seus filhos foram convertidos ao catolicismo, padre que foi considerado por Tolkien como um segundo pai. Os dois

irmãos mudaram-se para a casa da irmã de Mabel, Beatrice, enquanto eram orientados e aconselhados pelo padre.

Em 1908, os irmãos mudaram-se para a pensão da Sra. Faulkner, onde Tolkien conheceu Edith Bratt, seu grande e único amor. Edith tinha, na época, 19 anos e Tolkien, 16, ela era órfã assim como ele. Os dois começaram a namorar escondido, mas o romance foi reprovado pelo Padre Francis Morgan, pois ele achava que o relacionamento poderia prejudicar a educação de Tolkien, proibindo-o de vê-la até os 21 anos de idade.

Tolkien ingressou na Universidade de Oxford em 1911, tornando-se aluno do curso de Literatura Clássica, mas acabou desinteressando-se pelo curso. Demonstrou grande habilidade e interesse no estudo de filologia, dando maior ênfase no estudo das línguas germânicas, do inglês antigo, do galês e do finlandês, decidindo, então, mudar para o curso de Língua Inglesa e Literatura, que concluiu em 1915 com Honras de Primeira Classe.

Na manhã de seu aniversário em janeiro de 1913, quando Tolkien alcançou a maioridade, ele escreveu uma carta para Edith declarando seu amor e pedindo-a em casamento, Edith já estava noiva de outro homem, George Field, mas apenas aceitou casar-se com ele, pois achava que Tolkien a havia esquecido. Edith terminou seu noivado com George e aceitou o pedido de Tolkien, casando-se em 1916.

Com a evolução da Primeira Guerra Mundial, Tolkien, que havia se voluntariado para o serviço militar, foi convocado em 1916 como segundo tenente, no *Lancashire Fusiliers*. Foi enviado à França e lutou na Batalha de Somme, uma ofensiva aliada em resposta ao avanço dos alemães na região de Verdun, matando 1,1 milhões de soldados de ambos os lados, a batalha entrou para a história como a mais sangrenta e terrível da Primeira Guerra Mundial. Anos depois, Tolkien escreveu “Oficiais subalternos estavam sendo mortos, uma dúzia por minuto. Separar-me de minha esposa... era como a morte.” (GARTH, 2003, p. 138). Após 4 meses lutando na guerra, Tolkien é acometido pela “febre das trincheiras” e retorna à Inglaterra no mesmo ano de sua partida.

Em 17 de novembro de 1917, nasce o primeiro filho de Tolkien e Edith, John Francis Reul Tolkien (1917 – 2003). Além de John, o casal teve mais três filhos, Michael Hilary Reul Tolkien (1920 – 1984), Christopher John Reul Tolkien (1924 – 2020) e Priscilla Anne Reul Tolkien (1929).

O primeiro emprego de Tolkien após a Primeira Guerra Mundial foi como Lexicógrafo Assistente na preparação do *New English Dictionary (Oxford English Dictionary)*, onde trabalhou principalmente sobre a história e etimologia das palavras de origem germânicas.

Em 1920, ele assume o cargo de professor associado de Língua Inglesa (posição entre professor assistente e professor titular) na Universidade de Leeds, tornando-se o professor mais jovem da universidade. Cinco anos depois, em 1925, Tolkien retorna a Oxford como professor de Anglo-Saxão em *Pembroke College*, onde lecionou até 1945, quando mudou-se para Merton, Oxford, para lecionar Língua e Literatura Inglesa em *Merton College* até se aposentar em 1959.

Após se aposentar, Tolkien e Edith mudaram-se para o balneário de Bournemouth, onde sua esposa faleceu aos 82 anos no dia 29 de novembro de 1971. Ele acaba retornando a Oxford, falecendo no dia 2 de setembro de 1973, aos 81 anos. Os dois foram enterrados juntos no cemitério de Wolvercote, em Oxford, com os nomes gravados como “Lúthien” para Edith e “Beren” para Tolkien, uma referência ao conto de *Beren e Lúthien*, escrito por ele, onde a personagem Lúthien foi inspirada em sua esposa Edith.

A criação da Terra Média inicia-se em 1917 durante sua recuperação da “febre das trincheiras”, quando Tolkien começa a escrever *O Livro dos Contos Perdidos*, que mais tarde será conhecido como *O Silmarillion*. A ideia de seu primeiro grande sucesso, *O Hobbit*, surgiu em 1928, enquanto ele corrigia provas e encontrou uma folha deixada em branco por um de seus alunos, nela ele escreveu “Numa toca no chão vivia um hobbit”, sem saber o porquê.

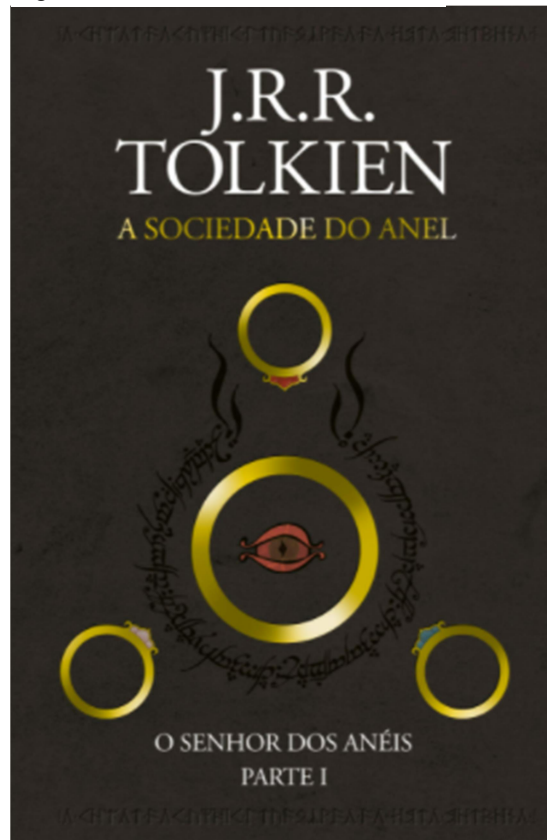
O Hobbit foi publicado pela primeira vez em 1937 pela Editora *Allen & Unwin* (mais tarde comprada pela Editora Harper Collins), obtendo sucesso imediato e conquistando uma legião de fãs. O sucesso foi tanto que a editora pediu a Tolkien uma continuação da história, ele, então, ofereceu *O Silmarillion*, considerado por ele a sua principal obra, mas foi recusada e ele acabou concordando em continuar a saga dos hobbits: *O Senhor dos Anéis*.

Os primeiros rascunhos da obra datam de 1937, mas somente em 1949 a obra *O Senhor dos Anéis* foi concluída e entregue à editora, a obra lhe consumiu 12 longos anos de trabalho devido ao seu perfeccionismo exagerado. Somente em 1954 os dois primeiros volumes foram publicados, *A Sociedade do Anel* e *As Duas Torres*, e em 1955 foi publicado o terceiro e último volume, *O Retorno do Rei*. A ideia inicial era lançar a obra toda em um único volume, mas isso não foi possível devido ao elevado custo dos papéis na Inglaterra pós Segunda Guerra Mundial.

Após a morte de Tolkien, algumas obras foram editadas e publicadas postumamente pelo seu filho, Christopher Tolkien, como *O Silmarillion* (1977), *Os Filhos de Húrin* (2007), *Beren e Lúthien* (2017), *A Queda de Gondolin* (2018).

2.1 O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel

Figura 2: A Sociedade do Anel



Fonte: Wikipedia

Na primeira parte, A Sociedade do Anel, o livro contou como Gandalf, o Cinzento, descobriu que o anel em posse de Frodo, o Hobbit, era de fato o Um Anel, regente de todos os Anéis do Poder. Narrou a fuga de Frodo e seus companheiros, Sam, Meriadoc e Perigrin, de seu lar, no tranquilo Condado, perseguidos pelo terror dos Cavaleiros Negros de Mordor, os Nazgûl, até que por fim, com o auxílio de Aragorn, o Caminheiro de Eriador e herdeiro de Isildur, chegaram à casa de Elrond em Valfenda, depois de grandes perigos.

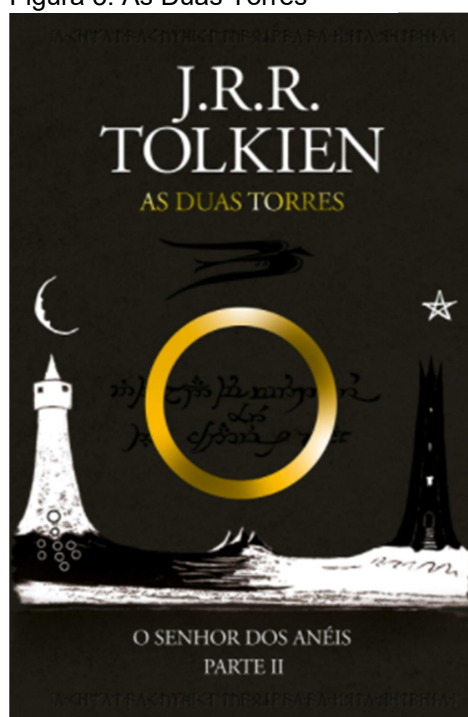
Ali aconteceu o grande Conselho de Elrond, no qual se decidiu tentar a destruição do Anel, e Frodo foi designado como Portador do Anel. Os Companheiros do Anel foram escolhidos, os que o deviam auxiliar em sua demanda: chegar, se pudesse, à Montanha da Perdição em Mordor, a terra do próprio Inimigo, o lugar em que o Um Anel foi forjado e o único lugar que ele poderia ser destruído. Nessa sociedade estavam Aragorn e Boromir, filho do Senhor de Gondor, representando os Homens; Legolas, filho do Rei Élfico de Trevamata, pelos Elfos; Gimli, filho de Glóin, da Montanha Solitária, pelos Anões; Frodo com seu serviçal Samwise e seus dois jovens parentes Meriadoc e Peregrin, pelos Hobbits; e Gandalf, o Cinzento.

Os Companheiros viajaram em segredo para longe de Valfenda no Norte até que, frustrados em sua tentativa de atravessar no inverno o passo alto de Caradhras, foram levados por Gandalf através do portão oculto e entraram nas vastas Minas de Moria, buscando um caminho por baixo das montanhas. Ali Gandalf, em batalha com o terrível espírito do mundo inferior, o Balrog, caiu em um escuro abismo. Mas Aragorn, agora revelado como herdeiro oculto dos antigos Reis do Oeste, levou a Comitiva avante desde o Portão Leste de Moria, através da terra élfica de Lórien, e descendo pelo grande Rio Anduin até alcançarem as Cataratas de Rauros. Já se haviam dado conta de que sua jornada estava sendo vigiada por espões e de que a criatura Gollum, que outrora possuía o Anel e ainda ansiava por ele, seguia o rastro deles.

Então tornou-se necessário que decidissem se deveriam rumar ao leste para Mordor com o Portador do Anel; ou prosseguir com Boromir em auxílio de Minas Tirith, principal cidade de Gondor, na guerra vindoura; ou dividir-se. Quando ficou evidente que o Portador do Anel estava resolvido a continuar desesperançada viagem à terra do Inimigo, Boromir tentou apossar-se do Anel à força. A primeira parte terminou com Boromir sucumbindo à atração do Anel; com o escape e o desaparecimento de Frodo e seu serviçal Samwise; e com a dispersão do restante da Sociedade por um súbito ataque de soldados órquicos, alguns a serviço do Senhor Sombrio de Mordor, alguns do traidor Saruman de Isengard. A Demanda do Portador do Anel já parecia assolada pelo desastre.

2.2. O Senhor dos Anéis – As Duas Torres

Figura 3: As Duas Torres



Fonte: Wikipedia

Na segunda parte, As Duas Torres, o livro contou os feitos de toda a Comitativa após o rompimento da Sociedade do Anel. Narrou o arrependimento e morte de Boromir e de seu funeral em um barco entregue às Cataratas de Rauros; da captura de Meriadoc e Peregrin por soldados órquicos, que os levaram rumo a Isengard, atravessando as planícies orientais de Rohan; e de sua perseguição por Aragorn, Legolas e Gimli.

Então surgiram os Cavaleiros de Rohan. Uma tropa de ginetes liderados pelo Marechal Éomer cercou os orcs na beira da Floresta de Fangorn e os destruiu; mas os hobbits capturados conseguiram escapar para a mata e ali encontraram Barbárvore, o Ent, mestre secreto de Fangorn. Em sua companhia, eles testemunharam o despertar da ira do Povo das Árvores e sua marcha para Isengard.

Enquanto isso, Aragorn e seus companheiros encontraram Éomer, que retornava da batalha contra os orcs. Ele lhes forneceu cavalos, e cavalgaram rumo à floresta. Ali, enquanto procuravam em vão pelos hobbits, reencontraram Gandalf, retornando da morte, agora o Cavaleiro Branco, porém ainda velado de cinzento. Com ele atravessaram Rohan até os paços do Rei Théoden da Marca, onde Galdalf curou o idoso rei e o resgatou dos feitiços de Língua de Cobra, seu maligno conselheiro e aliado secreto de Saruman. Então cavalgaram com o rei e sua hoste contra as forças de Isengard e tomaram parte na desesperada vitória pelo Abismo de Helm. Gandalf levou-os então a Isengard, e encontraram a grande fortaleza de Saruman arruinada pelos Ents, Povo das Árvores, e Saruman e Língua de Cobra sitiados na torre indômita de Orthanc.

Na negociação diante da porta, Saruman recusou-se a se arrepender, e Gandalf o depôs e quebrou seu cajado, deixando-o entregue à vigilância dos Ents. De uma alta janela, Língua de Cobra lançou uma pedra em Gandalf; mas ela não o atingiu e foi apanhada por Peregrin. Ela revelou ser uma das quatro Palantíri sobreviventes, as Pedras Videntes de Númenor. À noite, mais tarde, Peregrin sucumbiu ao fascínio da Pedra; roubou-a, olhou dentro dela e assim foi revelado a Sauron. O capítulo termina com a chegada de um Nasgûl, um Espectro do Anel, cavalgando uma montaria alada sobre as planícies de Rohan, presságio de guerra iminente. Gandalf entregou a palantír a Aragorn e, levando Peregrin, partiu para Minas Tirith.

O livro volta-se a Frodo e Samwise, que estavam perdidos nas áridas colinas das Emyn Muil. Contou como escaparam das colinas e foram alcançados por Sméagol, o Gollum; e como Frodo domou Gollum e quase venceu sua malícia, de modo que Gollum tornou-se o guia de Frodo e Sam, conduzindo-os através dos Pântanos Mortos e das terras arruinadas até Morannon, o Portão Negro da Terra de Mordor, no Norte.

Ali foi impossível entrar e Frodo aceitou o conselho de Gollum: buscar uma “entrada secreta” que ele conhecia, longe no sul, nas Montanhas da Sombra, as

muralhas ocidentais de Mordor. Durante a jornada para lá foram apanhados por um grupo de batedores dos Homens de Gondor liderados por Faramir, irmão do falecido Boromir. Faramir descobriu a natureza da demanda, mas resistiu à tentação à qual Boromir sucumbira e os mandou adiante para a última etapa de sua jornada, a Cirith Ungol, o Passo da Aranha; porém alertou-os de que era um lugar de perigo mortal, sobre o qual Gollum lhes contou menos do que sabia. No momento em que chegaram à Encruzilhada e tomaram a trilha para a horrível cidade de Minas Morgul, uma grande escuridão emergiu de Mordor, cobrindo todas as terras. Então Sauron enviou seu primeiro exército, liderado pelo sombrio Rei dos Espectros do Anel: a Guerra do Anel começara.

Gollum guiou os hobbits a um caminho secreto que evitava Minas Morgul, e na treva chegaram, por fim, a Cirith Ungol. Ali Gollum recaiu no mal e tentou traí-los, entregando-os à monstruosa guardiã do passo, Laracna. Foi frustrado pelo heroísmo de Samwise, que repeliu seu ataque e feriu Laracna.

A segunda parte terminou com as escolhas de Samwise. Frodo, ferido por Laracna, jaz aparentemente morto: a demanda deverá acabar em desastre, ou Samwise terá de abandonar o mestre Frodo. Por fim ele toma o Anel e tenta realizar sozinho a demanda desesperançada. Mas, quando está prestes a atravessar para a terra de Mordor, orcs sobem de Minas Morgul e outros descem da torre de Cirith Ungol, que guarda o cume do passo. Oculto pelo Anel, Samwise ficou sabendo pela alteração dos orcs que Frodo não estava morto, e sim dopado. Persegue-os tarde demais; os orcs levam Frodo, descendo por um túnel que segue até o portão traseiro de sua torre. Samwise caiu desfalecido diante dele, que se fecha com estrépito.

2.3 O Senhor dos Anéis - O Retorno do Rei

Figura 4: O Retorno do Rei



Fonte: Wikipedia

Na terceira e última parte, O Retorno do Rei, contou como Gandalf e Pippin cavalgaram até Minas Tirith para uma reunião com Denethor, o Senhor Regente de Gondor e pai de Faramir e do falecido, Boromir. Durante o conselho Pippin jurou lealdade e fidelidade a Gondor, em forma de honrar a morte de Boromir, que morreu em defesa dele e de Merry. Mais tarde Gandalf saiu em busca de Faramir, que havia ido emboscar os Lestenses e os Haradrim em Ithilien.

Após a partida de Gandalf e Merry para Minas Tirith, a companhia do rei Théoden é alcançada pelos Dúnedain, parentes de Aragorn. Juntos cavalgaram para o Abismo de Helm, onde Aragorn revelou a espada de Elendil, que fora reforjada, para Sauron pela palantír. Aragorn, após olhar pela palantír e descobrir graves perigos à frente, decidiu se separar da companhia do rei e tomar o caminho da Senda dos Mortos para invocar e convocar os Mortos à batalha vindoura, na companhia dos Dúnedain, Legolas e Gimli.

Enquanto isso, o rei Théoden reuniu todos os seus exércitos no Templo da Colina e recebeu a visita de um mensageiro de Gondor clamando por ajuda, pois a cidade de Minas Tirith no reino de Gondor será atacada. O rei decidiu ajudar e parte no dia seguinte. Merry, que era escudeiro fiel de Théoden, é proibido de ir à batalha e obrigado a ficar em Edoras, onde Éowyn, filha da irmã do rei, irá liderar o povo na ausência dele. Contudo, um cavaleiro misterioso chamado Dernhelm levou Merry consigo em seu cavalo rumo à batalha.

Faramir finalmente retornou à Minas Tirith escapando dos Nâzgul com ajuda de Gandalf e foi se encontrar com Denethor, seu pai e Senhor Regente de Gondor. Durante a conversa Denethor demonstrou profundo descontentamento com o filho, pois ele preferia que Faramir tivesse morrido e não Boromir, pois este, segundo o Senhor, teria lhe dado o Um Anel. Faramir contou que se deparou com Frodo e Sam em Ithilien, trazendo um pouco de esperança a Gandalf, mas também o preocupando, pois ele tinha conhecimento do ser que habitava em Cirith Ungol. Por fim, Faramir partiu, de novo, com um exército para proteger as fronteiras do Rio Anduin.

O exército liderado por Faramir não conseguiu resistir ao ataque e recuou para Minas Tirith. Faramir é trazido ferido por uma flecha envenenada e estava à beira da morte. Enquanto isso, exércitos negros liderados pelo Capitão Negro, o Senhor dos Nâzgul, cercaram Gondor, cavando trincheiras de fogo e preparando grandes máquinas de assalto. Denethor enlouqueceu ao ver o filho ferido e partiu para Fen Hollen, onde jaziam todos os antigos reis e regentes de outrora, com a intenção de incinerar a si próprio e Faramir. Pippin, que estava a serviço do Senhor, correu em busca de Gandalf para tentar impedir o ato de loucura do Regente. Nesse momento, o Senhor dos Nâzgul enfrentou Gandalf, porém soaram as grandes trompas de Rohan. O exército de Théoden havia chegado.

Para chegar à Minas Tirith o exército de Rohan cavalgou por quatro dias em um caminho desconhecido, pois o rei ficou sabendo, pelo Líder dos Homens Selvagens, que os orcs haviam bloqueado a estrada principal para Minas Tirith.

Com a chegada do exército de Rohan, Théoden matou um líder dos sulistas, mas seu cavalo, Snawmana, se desesperou ao ver o Senhor dos Nâzgul e foi alvejado por uma flecha negra. Ele caiu e o rei é esmagado pelo próprio cavalo. O cavaleiro Dernhelm e Merry estavam ao lado do rei e lutaram contra o Capitão Negro. Dernhelm revelou-se Éowyn e matou o Senhor dos Nâzgul com a ajuda de Merry, mas os dois caíram feridos. A batalha pareceu perdida quando naus negras foram avistadas ao longe, mas para a surpresa de todos, era Aragorn e seus companheiros, e no final do dia nenhum inimigo vivia no campo de batalha.

Gandalf, durante a batalha, foi chamado por Pippin para impedir que Denethor queimasse a si e seu filho ferido, Faramir. O mago conseguiu salvar Faramir, mas Denethor se lançou na fogueira e foi queimado.

Os feridos da batalha foram levados para as Casas de Cura e lá, Aragorn conseguiu curar Faramir, Merry e Éowyn, pois dizem as lendas que as mãos de um rei são as mãos de um curador.

Na manhã seguinte da batalha, todos os capitães dos exércitos debateram sobre o que devia ser feito. Foi decidido cavalgar na direção do Portão Negro de Mordor, pois assim Mordor seria esvaziada e toda atenção de Sauron seria voltada para eles, aumentando a chance de Frodo e Sam alcançarem a Montanha da Perdição para destruir o Um Anel.

Os exércitos chegaram ao Portão Negro e desafiaram Sauron, mas ele declarou que havia capturado um hobbit espião, mostrando seus pertences como prova e pediu que os capitães cedessem uma grande parte de seu território a eles. Gandalf recusou os termos e Sauron revelou seus gigantes exércitos.

O livro volta-se a Frodo e Sam, Frodo foi capturado pelos orcs e levado para a Torre de Cirith Ungol, Sam conseguiu resgatar seu mestre após os orcs entrarem em conflito entre eles, pois todos queriam os pertences de Frodo. Os dois se vestiram à maneira órquica e fugiram para o norte por alguns dias, até que foram alcançados por um grupo de orcs convocados para a batalha no Portão Negro, em Mordor, e foram obrigados a juntar-se a eles. Felizmente os dois conseguiram escapar sem serem notados após uma confusão entre os orcs.

Frodo e Sam rumaram em direção à Montanha da Perdição, mas Frodo estava exausto pelo crescente poder do Anel e Sam o carregou até as Câmaras de Fogo. Perto do topo da Montanha eles foram atacados por Gollum, porém Frodo conseguiu

escapar e correu para as Câmaras. Lá dentro, Frodo sucumbiu ao poder do Anel e o reivindicou para si. Gollum se aproximou e atacou Frodo de novo, arrancando com os dentes o dedo em que estava o Anel. Ele saltou de alegria por finalmente conseguir o Precioso de volta, mas acabou tropeçando e caindo dentro do fogo da Montanha. O poder de Sauron chegou ao fim e todo seu reino desmoronou.

As águias lideradas por Gwaihir juntaram-se à batalha no Portão Negro e, nesse exato momento, o anel caiu no fogo e todo o reino de Sauron desabaou. Gwaihir e outras águias resgataram Frodo e Sam. Eles acordaram dias depois no Campo de Cormallen com toda a companhia de Aragorn e se tornaram grandes heróis da Terra Média.

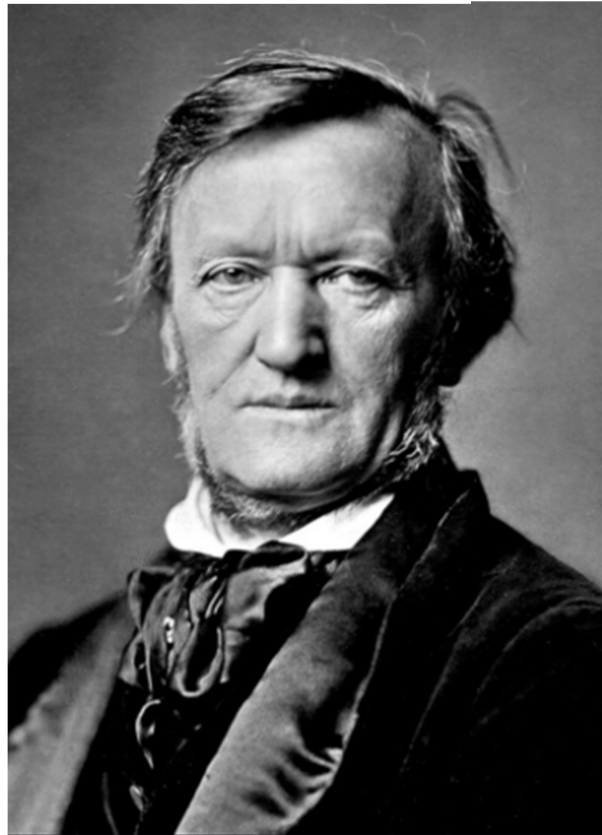
Após a recuperação dos hobbits, todos partiram para Minas Tirith, onde Aragorn foi coroado Rei Elessar e casou-se com Arwen, filha de Elrond. Quando por fim terminaram os dias de descanso, os hobbits decidiram retornar aos seus lares, no Condado, mas antes fizeram uma visita ao velho Bilbo Bolseiro em Valfenda.

Quando finalmente chegaram ao Condado perceberam que muitas coisas mudaram enquanto eles estiveram fora. O misterioso Charcoso apossou-se do Condado, impondo regras injustas e destruindo todo o território dos hobbits. A vila foi dominada por rufiões, submissos ao Charcoso, eles costumavam assustar os camponeses da região e intimidar os hobbits desnorteados, mas isso não deu certo com os quatro hobbits recém-chegados da batalha. Com a ajuda do Fazendeiro Villa e dos Tûks, os hobbits começaram uma revolta contra os invasores e saíram vencedores. Todos partiram em direção ao Bolsão, onde eles encontraram Saruman, conhecido entre os rufiões como Charcoso, e Língua de Cobra, os hobbits ordenaram que eles saíssem do Condado, mas Língua de Cobra surtou e matou seu mestre Saruman, logo em seguida foi atingido por arqueiros hobbits e caiu morto.

O ano seguinte foi dedicado aos reparos dos estragos causados pelos rufiões no Condado. Sam casou-se com Rosinha, a filha do Fazendeiro Villa, e o casal foi morar com Frodo no Bolsão. Merry e Pippin moraram juntos em Cricôncavo e fizeram muito sucesso no Condado com suas histórias e canções. Frodo, ao longo dos anos, percebeu que suas feridas não cicatrizaram, ele não era mais o mesmo. Frodo e Sam partiram no dia vinte e um de setembro, mas Sam não sabia para onde, acreditava ser para Valfenda, pois o aniversário de Bilbo se aproximava. Durante a viagem os hobbits encontraram um grande número de elfos, incluindo Elrond e Galadriel, e eles traziam o velho Bilbo, todos cavalgaram em direção aos Portos Cinzentos. Quando chegaram aos portos Gandalf também estava lá e mais tarde juntaram-se a eles Merry e Pippin. Os pequenos hobbits perceberam que aquela era uma despedida, despediram-se primeiro de Gandalf e depois de Frodo. Elrond, Galadriel, Bilbo, Gandalf e Frodo partiram para as Terras Imortais a oeste, deixando a Terra Média para sempre.

3. VIDA E OBRA DE RICHARD WAGNER

Figura 5: Richard Wagner em 1871



Fonte: Wikipedia

Wilhelm Richard Wagner, mais conhecido como Richard Wagner, nasceu em Leipzig, cidade independente no estado da Saxônia na Alemanha, no dia 22 de maio de 1813. Nono filho de Carl Friedrich Wagner, funcionário da polícia de Leipzig, e Johanna Rosine, filha de um padeiro, Richard tinha cinco irmãs, três delas envolvidas com o teatro e o canto, e três irmãos.

Aos seis meses de idade, Richard perde o pai em uma epidemia de febre tifoide, e sua mãe passa a viver com o ator e dramaturgo Ludwig Geyer, um grande amigo do falecido pai de Richard. Johanna acaba se casando com Geyer em agosto de 1814 e muda-se com toda a família para a residência dele em Dresden.

Richard foi criado em um ambiente artístico, visto que seu padrasto era ator, pintor e dramaturgo, três de suas irmãs eram atrizes e cantoras, seu tio possuía uma grande biblioteca, onde Richard adquiriu bastante cultura e passou grande parte do

tempo enquanto seu padrasto sofria de tuberculose. Geyer faleceu em 1821, quando Richard tinha apenas 8 anos de idade

Em 1820, foi matriculado na escola Pastor Wetzel onde recebeu algumas instruções de piano de seu professor de latim. No ano de 1821, entrou na escola *Kreuzschule* em Dresden e, em 1827, mudou-se para Leipzig com sua família, onde foi matriculado na *Nicolai Schule*.

Começou a escrever sua primeira tragédia em 1826, aos 13 anos, intitulada "*Leubald und Adelaide*" e concluída em 1828. Tal peça foi fortemente influenciada pelas obras de William Shakespeare e Johann Wolfgang von Goethe.

Richard entrou em contato pela primeira vez com a música de Ludwig van Beethoven em 1828, conhecendo as Sinfonias n.º 7 e 9 em Gewandhaus. Ele ficou maravilhado pelas obras, e Beethoven passou a ser a sua maior inspiração, tendo feito a transcrição para piano da Sinfonia n.º 9.

No mesmo ano, começou a estudar harmonia com Christian Muller, músico da orquestra de Gewandhaus, violino com Robert Sipp, contraponto, fuga e os princípios da forma de sonata com Christian Theodor Weinlig, cantor da Igreja de São Tomás de Leipzig, uma venerável instituição musical. Ingressou na Universidade de Leipzig em 1831 como "*studiosus musicae*" (estudante de música) e logo se tornou membro do Clube Saxão (fraternidade).

Richard Wagner casou-se em 1836 com Minna Planer, uma atriz que ele conheceu dois anos antes no Teatro de Magdeburg, onde era o diretor musical. O casamento foi conturbado e complicado, mas durou 22 anos. Eles não tiveram filhos.

Em 1837, o casal se mudou para Riga, capital e maior cidade da Letônia, devido à dificuldades financeiras e Richard consegue o cargo de regente maestro musical no novo Teatro de Riga, permanecendo lá até 1839, quando teve que fugir de seus credores. Os Wagner's viajaram até Londres por mar e seguiram para Paris.

O casal viveu em Paris de 1839 a 1842. Lá Wagner conheceu o compositor Giacomo Meyerbeer, que prometeu ajudá-lo com recomendações por ter uma grande influência no teatro local. Richard não teve sucesso com suas obras em Paris, todas foram rejeitas, levando-o a perceber que o mundo da *L'Opéra* era bastante conservador e, apesar da influência considerável de Meyerbeer, os teatros não estavam interessados no trabalho do jovem Richard Wagner.

Em 1842, Richard e Minna deixaram Paris e foram para Dresden, onde Wagner conseguiu estreitar sua obra *Rienzi* no Teatro da Corte de Dresden graças à influência do compositor Meyerbeer. A estreia foi um sucesso e, logo depois, ele foi nomeado

regente maestro no mesmo teatro. O casal permaneceu em Dresden até 1849, quando Richard foi banido da Alemanha por seus ideais esquerdistas revolucionários.

Após ser banido da Alemanha em 1849, Richard seguiu às pressas para a capital francesa, Paris, para uma breve estadia e depois se estabeleceu em Zurich, no norte da Suíça. Apesar de tudo, as óperas de Wagner continuavam sendo apresentadas na Alemanha e continuavam lhe rendendo dinheiro, o que não impedia que o compositor continuasse com suas eternas dívidas. Foi nesse período que ele começou os primeiros esboços da tetralogia *O Anel do Nibelungo*.

No ano de 1852, Wagner conheceu Otto Wesendonck, rico empresário e parceiro numa firma de seda em Nova Iorque, e sua bela esposa, Mathilda Wesendonck. Os Wagner's tornaram-se grandes amigos dos Wesendonck's e, em 1857, Otto propôs que Richard e Minna fossem morar na segunda casa de sua mansão em Zurique. Durante esse período, Wagner acabou se apaixonando por Mathilda, esposa de Otto, e a bela moça serviu de inspiração para uma de suas grandes óperas *Tristan und Isolde*. A paixão entre os dois culminou com o fim de seu casamento com Minna em 1858.

Wagner tentou, durante anos, obter anistia junto ao rei João I da Saxônia e finalmente, em 1860, seu pedido foi atendido, garantindo-lhe anistia parcial, e em 1862, anistia total. Richard voltou para Alemanha em 1860.

A vida de Wagner mudou quando Luís II tornou-se o rei da Baviera em 1864. Luís era um grande apreciador das artes e fervoroso admirador de Richard e sua música, convidando-o para a sua corte, que foi recebido no dia 4 de maio. O rei assumiu as dívidas de Wagner, concedeu-lhe uma pensão anual e se propôs a financiar *Tristan und Isolde*.

Em 1865, Wagner acabou se apaixonando por Cosima Bülow, esposa de Hans Bülow, compositor que havia regido várias de suas óperas. Cosima consegue se divorciar de seu marido e, em 1870, ela e Richard se casam. Eles tiveram três filhos: Isolde Wagner (1865 – 1919), Eva von Bülow (1867 – 1942) e Siegfried Wagner (1869 – 1930).

O ciclo do *Anel do Nibelungo* ainda não estava completo, mas a estreia de *Das Rheingold* (O Ouro do Reno) se deu em 1869 sob o patrocínio de Luís II, contra a vontade de Wagner, que planejava guardar a estreia para o novo teatro que ele estava pensando em construir especificamente para o ciclo do anel em Bayreuth. *Die Walküre* estreou no ano seguinte, em 1870, também contra a vontade do compositor, que não compareceu em nenhuma das estreias.

Wagner sonhava em construir um teatro especialmente para a estreia do ciclo do anel e realmente o fez. O Teatro do Festival de Bayreuth (*Bayreuth Festspielhaus*) foi inaugurado em 1876 com a apresentação integral da tetralogia do *Anel do Nibelungo* – *Das Rheingold* (O Ouro do Reno), *Die Walküre* (A Valquíria), *Siegfried e Götterdämmerung* (O Crepúsculo dos Deuses) – de 13 a 17 de agosto.

Em 1882, Wagner deixou Bayreuth com sua esposa e filhos, partindo para Veneza, onde se instalou no Palazzo Vendramin. Nessa época ele havia desenvolvido problemas cardíacos, culminando em seu primeiro ataque cardíaco em 1877.

Richard Wagner morreu subitamente de um ataque cardíaco no dia 13 de fevereiro de 1883, nos braços de sua esposa Cosima e cercado pelos filhos. Seu funeral foi realizado em Bayreuth. Cosima morreu em 1930 e foi enterrada ao lado do marido na residência Wahnfried, atual Museu de Richard Wagner, próximo do Teatro do Festival de Bayreuth.

Wagner levou cerca de 26 anos, de 1848 a 1874, para compor a tetralogia do *Anel do Nibelungo*, tendo como base para sua criação a mitologia nórdica e os mitos germânicos. O Ouro do Reno foi baseado, sobretudo na *Edda Poética*; A Valquíria na *Saga dos Volsungos*; Siegfried contém elementos da *Canção dos Nibelungos*, da *Saga dos Volsungos* e das *Eddas* (Poética e Prosaica); O Crepúsculo dos Deuses foi inspirado na *Canção dos Nibelungos*.

3.1 *O Anel do Nibelungo* – O Ouro do Reno

A obra é iniciada às margens do rio Reno, onde as três belas filhas (ninfas) do Reno brincam e nadam, protegendo o Ouro do Reno. De repente chega Alberich, um anão Nibelungo muito feio, e as observa de longe admirado pela beleza das ninfas. Ele decide, então, cortejá-las, mas elas zombam dele e de sua aparência, isso acaba enfurecendo-o. Durante a zombaria, Alberich percebe um brilho dourado vindo do fundo do rio e pergunta-lhes o que era aquilo. Elas respondem dizendo que aquele é o Ouro do Reno e que toda riqueza do mundo seria conquistada por quem forjasse o anel a partir do ouro, dando-lhe poder ilimitado, mas tudo tem um preço. Apenas o homem que renunciasse ao amor, apenas aquele que desdenhasse os prazeres da paixão seria capaz de realizar tal feito. Alberich, sendo um nibelungo muito feio e sem esperança de amor na vida, agarra o Ouro do Reno deixando as ninfas desesperadas e aos prantos.

Figura 6: As Filhas do Reno provocam Alberich



Fonte: Arthur Rackham (1910)

A obra agora é voltada aos deuses em Asgard. Wotan e Fricka acordam de seu sono e olham maravilhados para a recém-construída morada dos deuses, Valhalla. Wotan contratou os gigantes Fasolt e Fafner para construir o castelo, e em troca seria lhes dado Freia, a deusa do amor e da juventude, irmã de Fricka. O acordado seria uma trapaça por parte de Wotan e Loge, pois estes, ao perceberem que os gigantes queriam Freia como pagamento, apenas aceitaram o acordo por terem dado um prazo extremamente curto para a construção do castelo, um prazo irrealizável. Logo, o

pagamento não poderia ser feito. A deusa Freia é quem fornece as maçãs da juventude aos deuses, sem elas os deuses envelheceriam como os mortais. Após a finalização do castelo, os gigantes foram até os deuses exigindo seu pagamento, mas Wotan se recusa a entregar Freia e Loge, deus da trapaça e do fogo, conta aos gigantes que ele conhece um tesouro muito mais valioso, o ouro do Nibelungo. Os gigantes concordam com o novo pagamento e Wotan e Loge partem para Nibelheim.

Em Nibelheim, morada dos Nibelungos (cavernas), Alberich após ter roubado o Ouro do Reno escravizou todos os Nibelungos, incluindo seu irmão Mime, que forja o Tarnhelm, um elmo mágico usado como “capa da invisibilidade” e também permite ao portador mudar de forma. Wotan e Loge chegam a Nibelheim e encontram Mime, este lhes conta sobre o Tarnhelm e o anel de poder, mas logo em seguida chega Alberich, o senhor dos Nibelungos. Ele conversa com os dois deuses que o desafiam a demonstrar a mágica de Tarnhelm, o anão se transforma em um dragão, Loge pede a ele que se transforme em uma pequena criatura e ele logo se transforma em um sapo, sendo rapidamente capturado por Wotan e Loge, que o levam para Asgard.

Chegando a Asgard, os deuses pedem por uma compensação em troca da liberdade de Alberich: eles querem todo o ouro que ele possui, o anel mágico e o Tarnhelm. O anão desesperado se recusa a entregar o anel, então Wotan o arranca do dedo dele, mas Alberich, antes de ser liberto, amaldiçoa o anel: trará a morte para quem o usar, que aquele que o possuir seja destruído por angústia, e aquele que não o tiver seja assolado pela ganância. Alberich foi solto e o tesouro é entregue aos gigantes, mas eles exigem que a quantidade de ouro deve esconder Freia por completo, então os deuses empilham todo ouro em sua frente, porém Fasolt ainda consegue ver um olho da deusa e ordena que o anel, que agora está em posse de Wotan, seja adicionado ao tesouro. Wotan, obcecado pelo anel, se recusa a entregá-lo, eis que surge Erda, mãe primordial e detentora de toda a sabedoria, ela o alerta sobre a maldição do anel, implorando para que ele o entregue aos gigantes e assim ele o faz. Freia agora está livre e todo o tesouro do Nibelungo pertence aos gigantes, mas estes brigam pelo anel e Fafner acaba matando o irmão, Fasolt. A maldição do anel faz sua primeira vítima.

3.2 *O Anel do Nibelungo – A Valquíria*

A segunda parte da tetralogia é iniciada com Siegmund em fuga durante uma tempestade. Ele procura abrigo em uma casa aparentemente vazia, onde a sala é construída em volta de um tronco poderoso de uma árvore de freixo, mas quando senta-se diante da lareira, é surpreendido por Sieglinde, a esposa de Hunding, o dono da propriedade. Ela o observa com crescente interesse e lhe oferece hidromel, ele

aceita de bom grado e depois se prepara para partir, pois segundo ele, a má fortuna o segue, no entanto Sieglinde pede que ele fique e afirma que Sigmund não poderia trazer a má sorte para uma casa onde a má sorte já reside, em referência a sua infelicidade. Ele aceita o convite e espera Hunding chegar para que ele lhe conceda abrigo.

Ao retornar, Hunding oferece abrigo ao visitante, mas surpreende-se com tamanha semelhança entre sua esposa e o hóspede e pergunta-lhe sobre sua história. Sieglinde ouve tudo atentamente com muito interesse. Ele conta que Wolfe era seu pai e que tinha uma irmã gêmea, mas ela foi raptada e sua mãe morta na mesma noite, então ele e seu pai fugiram para a floresta, no entanto ele foi separado da figura paterna e nunca mais o viu. Vagou pela floresta, sempre tentando ajudar os que apareciam em seu caminho, mas a desgraça caiu sobre ele. Certo dia se deparou com uma jovem mulher sendo forçada a se casar com um homem que não amava, Siegmund, em defesa dela, matou os irmãos da moça, mas ela se desesperou ao vê-los mortos e todos os outros parentes o seguiram e clamaram por vingança. Desarmado e ferido, ele conseguiu escapar do local, chegando à residência de Hunding. Para a surpresa de Siegmund, Hunding é um dos parentes da jovem, ele o promete abrigo durante a noite, mas, na manhã seguinte, terá que lutar. Sieglinde olha para Sigmund, com crescente afeto, e indica com os olhos um ponto particular no tronco do freixo. Hunding percebe a troca de olhares e a leva para o quarto, neste momento ela prepara uma bebida para o seu marido.

Siegmund, sozinho à frente da lareira, lembra-se de uma promessa feita pelo seu pai: ele encontraria uma espada no momento de maior necessidade. De repente ele nota um brilho vindo diretamente do tronco da árvore, no local onde Sieglinde havia indicado com os olhos. A esposa de Hunding sai do quarto dizendo que drogou a bebida do marido e conta a história por trás da espada cravada no tronco. No dia da festa de casamento de Sieglinde e Hunding, um estranho velho de chapéu com um dos olhos cobertos encravou a espada na árvore, todos tentaram retirá-lo do tronco sem sucesso, apenas o mais corajoso e forte herói seria capaz de possuir a espada, Sieglinde acreditava que esse héroi era Siegmund. Os dois trocam juras de amor e tomam ciência de suas grandes semelhanças, descobrindo que são irmãos. Siegmund consegue tirar a espada, Nothung, do tronco da árvore e eles fogem para a floresta.

O segundo ato se inicia em Asgard com a conversa de Wotan e Brünnhilde, a Valquíria. Ele pede a ela que proteja Siegmund durante o duelo contra Hunding, mas esse ato é impedido por Fricka, a deusa do matrimônio e esposa de Wotan, pois o amor entre os irmãos é incesto e a traição de Sieglinde é adultério, devendo haver punição: retirar o poder da espada Nothung de forma que ele perca o duelo. Wotan é revelado pai dos gêmeos Siegmund e Sieglinde e se vê desesperado por não poder proteger o filho do futuro infortúnio. Brünnhilde parte para o duelo.

Após fugir da casa de Hunding, o casal de gêmeos chega ao cume de uma montanha, e Sieglinde desaba sentindo-se indigna do amor de Siegmund. Ele a conforta, afirmando que se vingará do marido dela, logo em seguida é possível ouvir a trombeta de Hunding e ela desmaia.

Brünnhilde aparece e diz a Siegmund que apenas os condenados à morte estão destinados a vê-la e que ele deve segui-la em breve para Valhalla, pois será morto por Hunding, mas ele a questiona dizendo que ele não pode morrer enquanto possuir Nothung, a espada mágica que lhe foi dada. Ela lhe conta que a mesma pessoa que lhe deu a espada, agora retira todo poder dela. Ele se recusa a segui-la ao saber que Sieglinde não irá acompanhá-lo, e em um ato desesperado ameaça matar sua noiva para que ninguém a toque. Brünnhilde, impressionada com o amor e coragem de Siegmund, decide protegê-lo contra a vontade de Wotan.

Figura 7: Brünnhilde, a Valquíria



Fonte: Arthur Rackham (1910)

Siegmund ouve o chamado da trombeta de Hunding e se prepara para o duelo. Brünnhilde reaparece protegendo-o com seu escudo enquanto ele está prestes a dar um golpe fatal em Hunding, mas de repente um brilho vermelho surge ao lado de Hunding: é Wotan segurando a lança em direção à espada do filho, ele estilhaça Nothung, desarmando-o. Hunding mergulha sua lança no peito indefeso de Siegmund e ele cai morto. Sieglinde ouve tudo e cai no chão aparentemente morta. Brünnhilde corre na direção dela e ergue-a para seu cavalo segurando os fragmentos de Nothung e foge de Wotan.

Brünnhilde chega com Sieglinde até a caverna onde as outras valquírias estavam e lhes implora ajuda, mas elas se espantam com a mulher mortal que a acompanha. Ela conta que desobedeceu às ordens de Wotan e está fugindo dele, porém precisa que as outras valquírias ajudem a proteger Sieglinde, que está grávida de Siegmund, como afirma Brünnhilde. Todas se recusam a desobedecer a Wotan e, então, a Valquíria pede que Sieglinde fuja para o leste, local evitado por Wotan, onde Fafner guarda o tesouro do Nibelungo, ele transformou-se em um dragão através do Tarnhelm e guarda o anel mágico de Alberich. Sieglinde foge e Wotan chega furioso à procura de Brünnhilde.

Por fim Brünnhilde se apresenta e Wotan a julga: ela tem seu status de valquíria retirado, tornando-se uma mortal, entrará em sono mágico até que um bravo herói seja capaz de acordá-la, passando por um círculo de fogo onde ela será protegida no topo da montanha.

3.3 *O Anel do Nibelungo – Siegfried*

A terceira parte da obra é iniciada em uma caverna rochosa na floresta, onde Mime, irmão de Alberich, tenta forjar uma espada para que Siegfried possa derrotar o dragão Fafner, planejando, assim, tomar o anel mágico para si. Siegfried retorna à caverna perguntando sobre a espada e se decepciona com a que Mime lhe forjara: ela se partiu ao meio com apenas um golpe. O garoto se enfurece e Mime tenta acalmá-lo, lembrando-o de que foi ele quem o adotou e lhe deu abrigo durante todos os anos de sua vida, mas Siegfried não o suporta e exige saber sobre seus pais biológicos. O Nibelungo conta que sua mãe, Sieglinde, morrerá quando ele nasceu e nada sabe sobre o pai além de sua morte em combate e dos estilhaços da espada que Sieglinde lhe deu como pagamento por cuidar de seu filho. Siegfried pede que Mime forje os estilhaços da espada Nothung, que fora de seu pai, e se retira, mas ele não sabe como forjar aquela espada mágica, quando de repente um andarilho se dirige à caverna.

O Andarilho (Wotan) propõe a Mime um jogo de três charadas apostando sua cabeça, o Nibelungo aceita e faz as três perguntas, Wotan responde corretamente e agora pergunta ao anão, mas este apenas sabe a resposta de duas perguntas, não conseguindo responder a terceira: “Quem você acha que forjará Nothung, a espada, a partir desses poderosos fragmentos?”. Mime, desesperado por dever sua cabeça ao Andarilho, agora sabe a resposta: Só aquele que nunca conheceu o medo forjará a espada novamente. Wotan deixa a caverna.

Siegfried volta à caverna exigindo a reparação da espada, entretanto Mime não pode forjá-la, pois ele já conhece o medo, mas percebe que a única coisa que não havia ensinado ao garoto era o medo e promete ensiná-lo levando-o até Fafner, o

dragão. Siegfried, impaciente, decide forjar Nothung tendo sucesso na primeira tentativa. Mime planeja pegar o tesouro e o anel para si, para isso decide envenenar Siegfried após a morte do dragão com uma bebida para refrescá-lo.

O segundo ato se inicia na entrada da caverna onde repousa o dragão Fafner. O Andarilho chega ao local e encontra Alberich, esperando uma oportunidade de reaver o anel que fora seu. Os dois inimigos se reconhecem e Alberich jura atacar Valhalla com os exércitos de Hella assim que recuperar o anel, mas Wotan responde calmamente que não está interessado no anel e veio apenas avisá-lo sobre Mime, que está manipulando o jovem Siegfried para matar Fafner e conseguir o anel para si. Para a surpresa de Alberich, Wotan decide acordar Fafner para avisá-lo sobre sua iminente morte e como recompensa para sair ileso pede o anel (para Alberich), mas o dragão recusa a proposta e volta a dormir. Wotan parte e Alberich se esconde.

Ao amanhecer Siegfried e Mime chegam ao covil de Fafner. O garoto assopra sua trombeta e acorda o dragão, os dois conversam e Siegfried pergunta se a fera poderia lhe ensinar o que era o medo, desafiando-o. A luta começa e Siegfried derrota o dragão encravando a espada Nothung em seu coração, mas ao retirar a arma do peito da fera sua mão entra em contato com o sangue de Fafner, ele, involuntariamente, leva a mão à boca e prova do sangue, quando de repente percebe que agora é capaz de entender a língua dos pássaros. Um pássaro da floresta lhe revela os poderes do anel e do elmo Tarnhelm, Siegfried entra na caverna para procurá-los.

Figura 8: Siegfried mata Fafner



Fonte: Arthur Rackham (1910)

Neste momento, Mime e Alberich se encontram e discutem sobre a posse dos tesouros, os dois se escondem ao ver Siegfried retornando com seus prêmios. Quando ele volta para a boca da caverna, o mesmo pássaro que lhe contara sobre os tesouros agora o alerta sobre a traição de Mime, que pretende matá-lo com uma bebida envenenada. Mime chega trazendo a bebida e tenta convencê-lo a tomá-la, mas Siegfried se recusa e mata o velho Nibelungo. O garoto se vê triste e solitário, pedindo ao pássaro uma companhia, a ave começa a cantar sobre uma jovem mulher, Brünnhilde, adormecida no alto de uma montanha, quem a despertasse iria desposá-la, mas o alerta sobre o fogo que queima ao redor dela. Siegfried parte para a montanha guiado pelo pássaro.

No meio do caminho Siegfried encontra o Andarilho (Wotan) e pergunta-lhe onde estava a mulher adormecida, pois seu pássaro guia o abandonou. O velho responde com muitas perguntas sobre o que levou o jovem até lá e tenta impedi-lo de chegar até Brünnhilde, mas Siegfried se enfurece e com um golpe acerta a lança de Wotan e a parte em dois. O Andarilho reúne calmamente os fragmentos da lança e decide ir embora. Siegfried finalmente consegue chegar ao topo da montanha onde Brünnhilde está adormecida e passa pelo círculo de fogo.

Ao se aproximar da jovem ele a confunde com um homem, pois ela está com sua armadura, elmo e escudo trajados, típico das Valquírias. Ele decide retirar a armadura e o elmo da moça, quando longos cabelos dourados se soltam, ele percebe que se trata de uma bela mulher. Siegfried, desesperado de amor e paixão, não sabe como acordá-la e clama por sua mãe, pois pela primeira vez ele sente o medo. O jovem tenta criar coragem para acordá-la e beija Brünnhilde, despertando-a de seu sono mágico. Ela acorda e se apaixona pelo herói que a acordou, renunciando o mundo dos deuses.

3.4 *O Anel do Nibelungo* – O Crespúsculo dos Deuses

A quarta e última parte da tetralogia é iniciada na rocha da Valquíria com as três Nornas, as tecelãs do destino, cantando sobre o fim iminente dos deuses. A obra volta-se para Siegfried e Brünnhilde que, apaixonados, trocam juras de amor e, como prova, o jovem dá o anel mágico para sua amada e parte em busca de novas aventuras.

A cena inicia-se no salão da morada dos Gibichungos no Reno, onde os irmãos Gunther, Guttrune e Hagen (meio irmão) discutem sobre os futuros matrimônios da família. Hagen sugere Brünnhilde para Gunther e Siegfried para Guttrune, mas ao saber das condições para desposar Brünnhilde, Gunther questiona como poderia passar pela barreira de fogo, então Hagen lhe conta que apenas um verdadeiro herói poderia realizar tal feito: Siegfried. O meio irmão sugere que Siegfried ajudaria Gunther a

conquistar Brünnhilde se Guttrune o desse uma poção mágica que faria o herói esquecer sua amada, fazendo com que Siegfried se apaixone por Guttrune e traga Brünnhilde para Gunther. Durante a conversa é possível ouvir uma trombeta ao fundo: Siegfried chega à procura do filho de Gibich, Gunther.

Os irmãos convidam o herói para entrar no salão e Guttrune lhe serve uma bebida de boas vindas, a poção mágica do amor, ele aceita de bom grado e de imediato sente uma forte atração por Guttrune, esquecendo-se da sua amada Brünnhilde. Siegfried pergunta a Gunther se ele tem uma esposa, mas ele responde dizendo que a única mulher que ele deseja está fora de alcance, o herói decide ajudá-lo a conquistar Brünnhilde com a condição de desposar sua irmã. Os dois juram lealdade pelo sangue, tendo como punição a morte, e partem para a montanha onde a bela jovem se encontra. Hagen permanece no salão e revela ser o filho de Alberich, desejando o antigo tesouro de seu pai: o anel mágico.

Enquanto isso, na rocha onde vive Brünnhilde, é possível ouvir um cavalo se aproximando: é Waltraute, a Valquíria. As irmãs valquírias se encontram e Waltraute suplica que a irmã devolva o anel às ninfas do Reno, podendo evitar, assim, o fim iminente dos deuses, mas Brünnhilde se nega a entregá-lo, pois é a promessa de amor de Siegfried e afirma que nunca renunciará ao amor. Waltraute parte aborrecida e chega Siegfried, na forma de Gunther graças ao Tarnhelm. Ele passa pelo círculo de fogo e exige Brünnhilde como esposa, forçando-a a segui-lo nem que fosse pela força. Ela se recusa e os dois lutam violentamente, mas ele a domina, pegando o anel para si e exigindo que ela entre na caverna com ele.

A obra é voltada para o salão dos Gibichungos, onde Hagen conversa com seu pai Alberich, este ordena que o filho pegue o anel mágico assim que possível e pergunta sobre o andamento do plano para obtê-lo. O dia amanhece e Siegfried retorna contando seus feitos para Guttrune, que agora será sua esposa, e Hagen. Eles conseguem avistar Gunther e Brünnhilde no rio se aproximando.

O casal chega ao salão e Brünnhilde se espanta ao ver Siegfried com Guttrune, sua nova esposa, acusando-o de traição. Ela nota o anel em seu dedo e deduz que ele o roubou de Gunther, mas ele alega ter conseguido o anel como fruto da luta com o dragão Fafner. Brünnhilde toma ciência da traição e afirma que Siegfried é seu esposo, mas ele jura que as acusações são falsas, ela o desmente e pede sua morte. Todos saem do salão, com exceção de Brünnhilde, Gunther e Hagen.

Os três conversam e chegam à conclusão de que a morte de Siegfried seria a melhor solução, pois limparia a honra de Gunther, Hagen conseguiria o anel para si, secretamente, e Brünnhilde seria vingada. Hagen pergunta a Brünnhilde como matar o herói em combate, mas ela responde que o protegeu com todos os feitiços possíveis,

com exceção das costas, pois ele nunca daria as costas a um inimigo. Eles planejam a morte de Siegfried durante uma caçada que aconteceria.

O último ato da obra se inicia às margens do rio, onde as três Filhas do Reno lamentam a falta do ouro mágico. Siegfried, que saiu para caçar com os homens, se perde e acaba chegando ao rio, onde as ninfas imploram que ele devolva o anel ao Reno, revelando que o herói morreria naquele mesmo dia caso não o devolvesse. Ele as ignora e ouve, ao fundo, as trombetas de caça. Hagen e Gunther chegam com toda a companhia.

Siegfried se reúne com Hagen e Gunther, contando-lhes os acontecimentos de sua juventude, quando de repente dois corvos voam ao redor do herói, ele dá as costas a Hagen, que crava a lança nas costas de Siegfried. Em seus últimos momentos ele se lembra de Brünnhilde, quando cai e morre. Os companheiros de caça levam o moribundo em solene procissão sobre o topo do penhasco até o salão dos Gibichungos.

Gutrune aguarda o retorno de seu marido no salão, quando ouve a voz de Hagen ao fundo. A procissão chega e Gutrune observa devastada o corpo de Siegfried, culpando seu irmão pela morte do herói, mas ele revela que o verdadeiro assassino é Hagen. O filho de Alberich exige, agora, o anel na mão de Siegfried como direito de sua conquista, mas Gunther o impede dizendo que o tesouro pertence a Gutrune, os dois lutam e Hagen mata seu meio irmão Gunther. Hagen caminha até o corpo para pegar o anel, mas a mão de Siegfried se ergue ameaçadoramente e ele recua. Brünnhilde chega, declarando-se a verdadeira esposa do herói e ordena uma grande pira funerária às margens do rio. Ela retira o anel da mão de Siegfried e avisa as donzelas do Reno para obtê-lo das suas cinzas, pois o fogo limparia sua maldição. Brünnhilde, após acender a pira, monta em seu cavalo, Grane, pela última e se lança ao fogo com seu eterno herói Siegfried. Ao mesmo tempo o rio Reno transborda e Hagen mergulha em suas águas para pegar o anel, mas as ninfas o seguram. O fogo chega até Valhalla, a morada dos deuses, e consome a tudo e todos. É o fim dos deuses.

Figura 9: Brünnhilde e Grane saltam na pira funerária de Siegfried



Fonte: Arthur Rackham, (1910)

4. O SENHOR DOS ANÉIS E O ANEL DO NIBELUNGO: UMA RELAÇÃO INTERTEXTUAL

4.1 A ORIGEM DO ANEL

Em *O Senhor dos Anéis*, a origem do anel remonta há duas eras. O Um Anel foi encontrado muito tempo atrás, quando “vivia junto às margens do Grande Rio, na beirada das Terras Selváticas, um pequeno povo de mãos hábeis e pés silenciosos” (TOLKIEN, 2019, p. 105), como os hobbits. No vilarejo desse povo, havia um hobbit chamado Sméagol, o mais inquisitivo e de mente mais curiosa de sua família. Sméagol tinha o costume de mergulhar em lagos profundos, escavar debaixo das árvores e fazer túneis em morros verdes.

Certo dia, ele e seu amigo Déagol pegaram um barco e desceram para os Campos de Lis. Sméagol desembarcou para explorar, enquanto Déagol ficou no barco pescando. De repente, Déagol fisgou um peixe e acabou sendo puxado para fora do barco, caindo dentro da água. “Então soltou a linha, pois lhe pareceu que via algo brilhando no leito do rio; e, segurando a respiração, agarrou o objeto.” (TOLKIEN, 2019, p. 106).

Ele nadou até a margem e lavou a lama de sua mão. Quando o fez, havia em sua mão um lindo anel dourado. Sméagol, que observava tudo a distância, pediu que o amigo lhe desse o anel, alegando que era seu aniversário, mas ele se recusou a dar.

Após a recusa, Sméagol pegou Déagol pelo pescoço e o estrangulou, pois o ouro parecia tão belo e brilhante, e depois colocou o anel no dedo (TOLKIEN, 2019). Ninguém nunca descobriu o que aconteceu com Déagol, pois seu corpo foi ocultado habilmente.

Sméagol começou a descobrir os poderes do anel, mas usou seus conhecimentos para fins distorcidos e maliciosos. Acabou se tornando odiado em seu vilarejo, começou a gorgolejar na garganta, assim o chamaram de Gollum e o mandaram para bem longe. Por anos, vagou solitário e viajou Rio acima até encontrar um local para viver: uma pequena caverna escura. “Insinuou-se como uma larva no coração dos morros e desapareceu de qualquer conhecimento.” (TOLKIEN, 2019, p. 107).

Na ópera *O Anel do Nibelungo*, o anel é forjado a partir do Ouro do Reno. Alberich, o Nibelungo, observava as ninfas do Reno admirado e decidiu cortejá-las: “Espíritos das águas, quão delicadas vocês são, agradáveis criaturas, ficaria feliz em me aproximar, se me olhassem gentilmente” (WAGNER, 2019, p.15), mas ele era o mais feio dos nibelungos. As guardiãs do Reno zombaram de sua aparência “Argh! Seu

tolo cabeludo e corcunda! Enxofre preto e empolado anão! Procure uma amante que pareça contigo!” (WAGNER, 2019, p. 19), enfurecendo o Nibelungo.

Durante a zombaria, Alberich notou que um brilho dourado cada vez mais forte penetrava nas águas, uma mágica luz áurea fluía através da água a partir deste ponto (WAGNER, 2019). Ele perguntou o que reluzia e brilhava de tal forma e as guardiãs responderam que aquele era o Ouro do Reno e “A riqueza seria conquistada por aquele que forjasse do Ouro do Reno o anel que lhe concederia poder ilimitado” (WAGNER, 2019, p.25).

Cego pelo poder, Alberich arrancou o ouro da rocha com terrível força e mergulhou nas profundezas, desaparecendo rapidamente aos gritos desesperados das ninfas tentando impedi-lo. Graças ao poder que o anel lhe concedeu, ele se tornou o Rei dos Nibelungos e escravizou todos de sua raça durante anos em Nibelheim, a caverna dos Nibelungos.

De acordo com a teoria de Koch (2009), a intertextualidade pode ser definida como explícita, quando, no próprio texto, o autor menciona a fonte do intertexto, como ocorre nas citações, por exemplo, ou implícita, que ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperar a informação na memória para dar sentido ao texto, como nas alusões.

Em ambas as obras, é possível notar uma semelhança referente à origem do anel: ele foi encontrado em um rio e foi necessária uma disputa inicial por ele. No *Senhor dos Anéis*, com Sméagol e Déagol, e, no *Anel do Nibelungo*, com Alberich e as guardiãs do Reno, isso demonstra, de certa forma, a influência do anel sobre as personagens, mostrando a ganância e a corruptibilidade presente em seus corações. Nesse sentido temos uma relação implícita de intertexto, pois é possível perceber uma semelhança de acontecimentos.

Em *O Senhor dos Anéis*, não existe uma menção da fonte do intertexto, há apenas uma alusão à ópera *O Anel do Nibelungo* com relação à origem do anel.

4.2 O Anel de Poder

A palavra poder deriva do latim *potere*, que tem como significado a capacidade de deliberar arbitrariamente, agir, mandar, exercer a autoridade, a soberania e o império. No que se refere aos estudos sociológicos, poder é definido como a habilidade de impor a sua vontade sobre os outros, havendo resistência ou não. O poder apresenta uma série de armadilhas e possui elementos de atração, ilusão e obsessão, conforme aponta Monteiro (2016):

A atração exercida pelo poder pode se transformar em uma obsessão destrutiva; o poder pode ser manipulado, tornando-se apenas uma ilusão, uma ideologia falha na cabeça daquele que pensa ser poderoso; finalmente, o poder pode ser usurpado, transformando-se em algo efêmero para seus detentores.

Diante de tais premissas, o foco passará a ser o Anel de Poder. Em *O Senhor dos Anéis*, Elrond, durante o capítulo “O Conselho de Elrond”, afirma que “o próprio desejo de tê-lo (o anel) corrompe o coração” (TOLKIEN, 2019, p. 382), demonstrando que o desejo está atrelado à corruptibilidade presente no homem e que ele já está sob o efeito do Anel.

No mesmo capítulo, Elrond acrescenta dizendo que “enquanto o Um estiver no mundo, será um perigo até mesmo para os Sábios, pois nada é mau no começo” (TOLKIEN, 2019, p.382), afirmando que o homem é mau somente após ser exposto à tentação do poder, à tentação do Anel. Até mesmo os sábios foram tentados pelo Um, como é o caso de Gandalf que o recusou, no capítulo “A Sombra do Passado”, quando Frodo lhe ofereceu o Anel e ele respondeu:

Não! Com esse poder eu teria poder demasiado grande e terrível. E sobre mim o Anel obteria um poder ainda maior e mais mortífero. Não me tente! Não me atrevo a pegá-lo, nem mesmo para mantê-lo guardado, sem uso. O desejo de manejá-lo seria grande demais para minha força. (TOLKIEN, 2019, p. 117).

Gandalf afirma, ainda no capítulo “A Sombra do Passado”, que “ele (o anel) é mais poderoso do que ousei pensar no começo, tão poderoso que, no final, ele conquistaria qualquer pessoa que o possuísse. Ele a possuiria.” (TOLKIEN, 2019, p. 97). Tal afirmação mostra o poder que o Anel tem sobre o seu portador, influenciando diretamente em suas ações e pensamentos.

Existe uma ligação eterna entre o portador do Anel e o Anel, pois aquele que uma vez já o teve, sempre o desejará com profunda obsessão, como demonstra Gandalf em “Um Anel de Poder toma conta de si mesmo. Ele pode soltar-se traiçoeiramente, mas seu possuidor jamais o abandona.” (TOLKIEN, 2019, p. 109).

Por fim, uma maldição eterna permanece no Um, onde é possível encontrar as seguintes inscrições (linhas de fogo) “Um Anel que a todos rege, Um Anel para achá-los, Um Anel que a todos traz para na escuridão até-los.” (TOLKIEN, 2019, p. 102). Quem carrega o Um, carrega um fardo, uma maldição que o seguirá até o fim de seus dias e para as trevas ele o levará.

Figura 10: As inscrições do Um Anel



Fonte: Wikipedia

Na ópera *O Anel do Nibelungo*, o Anel de Poder também é a figura central do enredo. Ele foi forjado por Alberich, o Nibelungo, a partir do Ouro do Reno roubado. As guardiãs do ouro revelaram ao Nibelungo que “a riqueza do mundo seria conquistada por aquele que forjasse do Ouro do Reno o anel que lhe concederia poder ilimitado.” (WAGNER, 2019, p. 25).

Durante uma conversa com Wotan, Loge lhe conta que “uma vez forjado (Ouro do Reno) em um aro arredondado, auxilia a conferir poderes infinitos e a conquistar o mundo para seu mestre” (WAGNER, 2019, p. 42), demonstrando que o portador do Anel reinaria aqueles de seu tempo, devido ao poder concedido por ele.

Wotan e Loge, ao chegarem a Nibelheim, se depararam com Mime, irmão de Alberich, se debatendo no chão de pavor, e ao ser perguntado sobre seu estado ele responde “Alberich construiu um anel amarelado do Ouro do Reno: em seu poderoso feitiço, trememos (os Nibelungos) de terror; pois com isso ele nos submete todos à sua vontade.” (WAGNER, 2019, p. 57). Tal afirmação mostra que, ao forjar o Anel, Alberich tornou-se o senhor dos Nibelungos à força por conta do poder do Anel e:

Agora o criminoso nos faz rastejar em fendas, sempre labutando para somente ele. Através do ouro do anel, sua ganância pode adivinhar onde veias reluzentes jazem enterradas em vales: ali devemos buscar, procurar e cavar, fundir os despojos e trabalhar a forja sem descanso ou repouso, para amontoar o tesouro para nosso senhor. (WAGNER, 2019, p. 59).

Em Asgard, após o sequestro de Alberich e seu tesouro, Wotan, assim como Gandalf, foi tentado pelo anel “Dê-me agora o anel! Nenhum direito a isso reivindicará com essa conversa” (WAGNER, 2019, p. 75), e após colocá-lo em seu dedo, a influência do anel veio à tona “(Contemplando o anel) Agora eu possuo aquilo que me exalta, o mais poderoso senhor de todos os poderosos!”. (WAGNER, 2019, p. 75).

Alberich, enfurecido por perder o seu precioso Anel, amaldiçoou-o:

Então este anel será amaldiçoado por sua vez! Assim como o seu ouro uma vez me dotou de poder além do mensurável, assim seu feitiço agora trará a morte para quem o usar! Nenhum homem feliz jamais terá alegria dele; em nenhum homem contente o seu brilho sorrirá; que aquele que o possuir seja destruído por angústia, e aquele que não o tiver, seja assolado pela ganância!

Cada homem cobiçará sua posse, mas ninguém irá desfrutá-lo com um ganho duradouro; o seu senhor o guardará sem nenhum lucro, e, contudo, a morte o seguirá para onde ir. Condenado a morrer, que o covarde seja paralisado pelo medo; enquanto viver, ansiará pela morte, definhando; Senhor do Anel, mas escavo do anel. (WAGNER, 2019, p. 76).

E assim, todos aqueles que foram portadores do Anel foram assolados pela desgraça, e a morte os perseguiu até o fim de seus dias. Alberich, como primeiro portador do Anel, buscou por ele obsessivamente durante toda sua vida, ou seja, é a ligação do Anel com o portador do Anel.

Após analisar todas as passagens, é possível notar uma nítida semelhança entre tais enredos. Nas duas obras, o anel concede poder ilimitado ao seu portador, a ganância o persegue, pois ele sempre desejará o anel novamente, nem mesmo os sábios resistem a ele e existe uma maldição eterna por trás do anel, trazendo a todos os portadores a desgraça e as trevas.

Koch (2007, p. 59) afirma que:

Todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos, que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe.

Logo, podemos afirmar que há uma relação intertextual implícita, pois o autor faz uma alusão à ópera de Richard Wagner, porém não cita a fonte do intertexto, e é necessário que o leitor a recupere em sua memória.

4.3 VELHO SÁBIO: GANDALF E WOTAN

Na terminologia junguiana, o Eremita representa o Velho Sábio arquetípico, representando a sabedoria e a busca por conhecimento. Para Nichols (2007, p. 169), o Velho Sábio é definido como:

Homem de poucas palavras, vive no silêncio da solidão – o silêncio de antes criação – somente a partir do qual uma nova palavra pode tomar forma. Não nos traz sermões; oferece-se a nós. Com sua simples presença ilumina pavorosos recessos da alma humana e aquece corações vazios de esperança e significação.

Nichols (2007, p.170) afirma em seu livro *Jung e o Tarô: Uma Jornada Arquetípica*:

Nos mitos e contos de fadas, toda a vez que o herói em busca do tesouro perde o caminho ou depara com um impasse, o Velho Sábio costuma

aparecer trazendo uma nova luz e novas esperanças. Isso é especialmente verdadeiro sempre que o nosso dilema pessoal repete um impasse semelhante em nossa cultura em geral, visto que o Eremita encontrou dentro em si o que a sociedade ignorou ou perdeu. Não foi por acaso.

Diante de tais afirmações, neste subcapítulo irá ser feita uma análise da personagem Gandalf, o mago, da obra *O Senhor dos Anéis*, e Wotan, líder dos deuses Ases. Para tal, será necessária uma observação a respeito da etimologia do nome Wotan. Na mitologia germânica, o deus Odin é conhecido como Wotan, como cita Avelar (2019) na nota do editor:

É interessante notar a mudança de vários dos nomes, principalmente dos deuses nórdicos. Odin, como é geralmente conhecido na atualidade, é Wotan, Thor é chamado de Donner, entre outros. Essa mudança ocorre porque Wagner utilizou os nomes oriundos do alto alemão antigo, estágio inicial da língua alemã, falada entre os anos 700 e 1000 d.C. na região que hoje compõe a Alemanha e parte da França, e época em que havia predominância na região da religião nórdica. (AVELAR, 2019, p. 8).

Feita a observação, a análise começará com Gandalf. Em *O Senhor dos Anéis*, Gandalf é descrito como “Um velho [...] usava um alto chapéu azul pontudo, um comprido manto cinzento e um cachecol prateado. Tinha uma longa barba branca e sobrelhas frondosas que se projetavam além da aba do chapéu”. (TOLKIEN, 2019, p. 68).

Uma das principais características do mago é o seu sumiço e aparição durante toda a narrativa, sem dar sinais de sua partida, chegada e para onde vai, como demonstra em “Havia boatos de coisas estranhas acontecendo no mundo lá fora; e, como aquela época Gandalf nem aparecera nem tinha enviado recado por vários anos, Frodo reunia todas as notícias que podia.” (TOLKIEN, 2019, p. 93) e em:

Foi bem a esse tempo que Gandalf reapareceu após sua longa ausência. Por três anos após a Festa ele estivera afastado. Depois fez uma breve visita a Frodo e, após olhá-lo bem, foi-se embora outra vez. Durante o próximo ano ou dois ele aparecera em razoável frequência, chegando inesperado após o anoitecer e partindo sem aviso antes do nascer do sol. Não discutia seus próprios afazeres nem viagens. [...]. Então, de repente, suas visitas haviam cessado. Fazia mais de nove anos que Frodo não o vira nem escutara falar dele, e começara a pensar que o mago não voltaria nunca e que desistira de todo interesse nos hobbits. (TOLKIEN, 2019, p. 96).

O mago foi apelidado, por alguns, de Gandalf Corvo da Tempestade, referindo-se a ele como um presságio de guerra iminente, como mostra em:

Saúdo-te e quem sabe busques boas-vindas. Mas, verdade seja dita, é duvidosa tua acolhida aqui, Mestre Gandalf. Sempre foste arauto do pesar. Os infortúnios te seguem como corvos, e sempre tanto piores quanto são frequentes. Outra vez vens aqui! E contigo vêm males piores que antes, como era de se esperar. Por que eu te daria boas-vindas, Gandalf Corvo da Tempestade? (TOLKIEN, 2019, p. 754).

Outro ponto importante a se discutir é o cavalo de Gandalf, Scadufax, ele é descrito como "[...] incansável, veloz como o vento que voa. Scadufax o chamaram. De dia seu pelo reluz como prata; e à noite é como uma sombra, e ele passa sem ser visto. Leve é sua pisada!" (TOLKIEN, 2019, p.376). O cavalo é o chefe dos *Mearas*, uma raça superior de cavalos, e “o antepassado de sua raça foi o grande cavalo de Eorl, que sabia a fala dos Homens.” (TOLKIEN, 2019, p.652).

Gandalf, durante toda a narrativa, aparenta saber o que vai acontecer e, quando ele aparece não é à toa, pois ocorre quando as pessoas mais precisam dele, como uma última esperança. Apesar de sua suposta vidência, ele não interfere no destino dos humanos, apenas os aconselha:

Neste ponto da história fabulosa, o propósito era precisamente de limitar e retardar a exposição de seus ‘poderes’ no plano físico, de modo que deveriam (os magos) fazer aquilo pelo qual foram enviados em primeiro lugar: treinar, aconselhar, instruir, incitar os corações e as mentes daqueles ameaçados por Sauron a uma resistência com suas próprias forças, e não simplesmente fazer o trabalho por eles. Apareceram, assim, como figuras de ‘velhos’ sábios. (TOLKIEN, 2006, p. 195).

O foco muda para Wotan/Odin, da ópera *O Anel do Nibelungo*. Ele é o deus chefe dos deuses Ases, e vive em Asgard com os outros de sua raça. Quando necessário, percorre o mundo dos humanos disfarçado como um Andarilho. Sua descrição é feita no início da cena II, em Siegfried:

O Andarilho (Wotan) chega pela floresta e entra pela porta dos fundos da caverna. Ele está usando um longo manto azul escuro e carrega uma lança como um cajado. Em sua cabeça, ele usa um chapéu com uma aba larga e redonda, que está caída sobre seu rosto. (WAGNER, 2019, p. 213).

Assim como Gandalf, Wotan aparece apenas quando necessário, principalmente para aconselhar os homens. Nunca se sabe de onde vem e para aonde vai. Ele aparece e depois some. Durante toda a ópera, é visto apenas em três situações, às quais ele aconselha algumas personagens, mas sem interferir no destino delas, exatamente como Nichols (2007) afirmou.

Odin, de acordo com as Eddas, possuía dois corvos: Hugin e Munin, que significam, no nórdico antigo, respectivamente, pensamento e memória. Tais corvos voavam por Midgard, o reino dos humanos, trazendo informações ao deus Odin. Em O

Anel do Nibelungo, os corvos são citados diversas vezes, como mostra em “Ambos os seus corvos ele enviou para trazer notícias: se alguma vez eles voltarem com boas novas, então, mais uma vez, pela última vez o Deus sorrirá para sempre.” (WAGNER, 2019, p. 330) e em:

Eu ouço o farfalhar das asas dos seus corvos: com novidades ansiosamente esperadas, eu mando os dois para casa. [...] Voem para casa, corvos! Sussurrem para o seu senhor o que ouvirem aqui no Reno! Atravessem o caminho além da rocha de Brünnhilde: digam a Loge, que está queimando lá, para se apressar para Valhalla! Pois o fim dos deuses está amanhecendo agora: assim, atiro a tocha na orgulhosa fortaleza de Valhalla! (WAGNER, 2019, p. 389).

Na mitologia nórdica, Odin possuía o cavalo mais veloz de mundo, Sleipnir era chamado. Na ópera, ele é citado, porém seu nome foi ocultado “O Pai das Batalhas está montando seu cavalo sagrado!” (WAGNER, 2019, p.165).

Nas passagens citadas acima, é indubitável a forte influência do deus Odin na criação de Gandalf, o mago. Ambos vagam pelo mundo dos homens como velhos andarilhos e sua aparência física é inquestionável. Gandalf foi apelidado Corvo da Tempestade por sua aparição estar relacionada à guerra e aos infortúnios, e Odin, também chamado de deus corvo, possui os seus dois corvos informantes.

Gandalf e Odin possuem duas características muito importantes em comum: a vidência e a sabedoria. Como dito anteriormente, eles apenas aconselham os homens sem interferir em seus destinos, pois eles estão em um plano superior. Assim como Odin tem sua montaria especial Sleipnir, Gandalf tem o cavalo mais veloz do mundo, Scadufax, o senhor dos *Mearas*.

Segundo Koch (2009, p. 146):

A intertextualidade será explícita quando, no próprio texto, é feita a menção da fonte do intertexto, como acontece nas citações, referências, menções resumos, resenhas e traduções, na argumentação por recurso à autoridade, em como, em se tratando de situações face a face, nas retomadas do texto do parceiro, para encadear sobre ele ou contraditá-lo.

Ao aplicar a teoria de Koch, é possível encontrar uma relação intertextual implícita, pois, em *O Senhor dos Anéis*, não existe qualquer citação direta a Odin durante toda a narrativa, mas encontramos grandes semelhanças entre Odin e Gandalf na criação do mago, de Tolkien, resultando em uma personagem influenciada na figura do deus nórdico.

4.4 ESPADA PARTIDA: ANDÚRIL E NOTHUNG

A espada, de modo geral, representa a virtude, o poderio e a vontade. De acordo com a filósofa Galvão (2014, p. 4):

A espada já representou ao longo do tempo: o estado militar, o valor, o poder em seu duplo significado, o que destrói e o que garante a paz e a ordem; a justiça que castiga o culpado; o Verbo como frequentemente aparece na iconografia medieval, enquanto sai da boca do Deus Pai; a verdade sendo o que não se dobra, que corta a qualquer um que tende desfigurá-la; a ideia da luminosidade, da claridade do fogo, do raio de Sol.

Não são atribuídos apenas significados militares e guerreiros à espada, mas também poderes especiais de iniciação e conhecimento. A espada costuma aparecer no braço do herói garantindo-lhe, muitas vezes, força sobrenatural no combate.

Sobre o *Senhor dos Anéis*, conta a história que, na Batalha de Dagorlad em frente ao Portão Negro de Mordor, há duas eras atrás, o Rei Elendil tombou ao derrotar Sauron e, quando o fez, sua espada Narsil se partiu, mas o exército dos Elfos e Homens saiu vitorioso, “pois à Lança de Gil-galad e à Espada de Elendil, Aeglos e Narsil, ninguém podia resistir”. (TOLKIEN, 2019, p. 350).

Sobre os fragmentos da Espada de Elendil, Narsil, foi dito que:

Da ruína dos Campos de Lis, onde pereceu Isildur, apenas três homens voltaram por sobre as montanhas, após longo vagar. Um deles foi Ohtar, escudeiro de Isildur, que carregava os fragmentos da espada de Elendil; e ele os trouxe a Valandil, herdeiro de Isildur, que por não ser mais que uma criança havia ficado aqui em Valfenda. Mas Narsil estava partida, e sua luz se extinguiu, e ela ainda não foi reforjada. (TOLKIEN, 2019, p. 351).

Durante o capítulo “O Conselho de Elrond”, foi discutida a história da Terra Média e da Batalha de Dagorlad, e Aragorn disse:

As palavras não eram a sina de Minas Tirith. Mas a sina e grandes feitos estão próximos deveras. Pois a Espada que foi Partida é a Espada de Elendil, que se partiu embaixo dele quando tombou. Foi guardada como tesouro por seus herdeiros quando todas as outras heranças se perderam; pois desde outrora dizia-se entre nós que ela haveria de ser refeita quando o Anel, a Ruína de Isildur, fosse encontrado. (TOLKIEN, 2019, p. 356).

Aragorn, filho de Arathorn, “descende, através de muitos pais, de Isildur, filho de Elendil, de Minas Ithil. É o Chefe dos Dúnedain do Norte, e agora já restam poucos desse povo”. (TOLKIEN, 2019, p. 355). Ele fez parte da Comitativa do Anel, e guiou a

todos após a queda de Gandalf em Khazad-Dûm. A Espada Narsil lhe pertencia, mas ela estava partida.

No capítulo “O Anel vai para o Sul”, contou-se que a Espada Narsil foi reforjada pelos Elfos durante a Terceira Era, no ano 3018, como demonstra na passagem:

A Espada de Elendil foi reforjada por ferreiros élficos, e em sua lâmina traçou-se um emblema de sete estrelas postas entre a Lua crescente e o Sol raiado, e em volta havia muitas runas escritas; pois Aragorn, filho de Arathorn, partia à guerra nos confins de Mordor. Era muito luzidia a espada quando se tornou inteira outra vez; a luz do sol brilhava rubra nela, e a luz da lua brilhava fria, e seu gume era duro e afiado. E Aragorn lhe deu um novo nome e a chamou de Andúril, Chama do Oeste. (TOLKIEN, 2019, p. 394).

Durante a próxima passagem, é possível notar que Aragorn já empunhava a espada reforjada e, sua por direito, no momento chamada Andúril, quando questionado sobre sua identidade por Éomer no capítulo “Os Cavaleiros de Rohan”:

Aragorn puxou a capa para trás. A bainha-élfica reluziu quando ele a agarrou, e a clara lâmina de Andúril brilhou como chama repentina quando a puxou para fora: - Elendil! Eu sou Aragorn, filho de Arathorn, e sou chamado de Elessar, Pedra-Élfica, Dúnadan, herdeiro de Isildur, filho de Elendil de Gondor. Eis a Espada que foi Partida e foi forjada de novo! (TOLKEIN, 2019, p. 650).

E ele foi à guerra, durante o capítulo “O Abismo de Helm” com a espada reforjada: “Andúril! Andúril vai à guerra. A Lâmina que foi Partida brilha outra vez!” (TOLKIEN, 2019, p. 782).

Mudaremos para a tetralogia *O Anel do Nibelungo*. Durante a segunda parte da ópera, intitulada Siegfried, Sieglinde contou a história da Espada Nothung para Siegmund, seu herdeiro por direito, mas ele ainda não estava ciente de sua herança:

Os homens de seu clã estavam sentados aqui no salão, como convidados no casamento de Hunding: ele estava cortejando uma mulher a quem os vilões, sem a permissão da donzela, lhe deram como esposa. Infelizmente estava eu sentada lá enquanto bebiam: um estranho então chegou; um velho vestido de cinza; seu chapéu tão baixo que um de seus olhos estava oculto [...] ele olhou para mim, e os encarou enquanto brandia uma espada em suas mãos; ele então a encravou profundamente no tronco do freixo; foi enterrada até o punho: a lâmina pertenceria por direito àquele que pudesse retirá-la do tronco. (WAGNER, 2019, p. 113).

Siegmund conseguiu retirar a espada do tronco do freixo, como demonstra em:

- Nothung! Nothung (necessidade)! Então eu te nomeio, espada! Nothung! Nothung! Temível aço! Mostre-me a ponta afiada de sua lâmina: saia da sua bainha para mim! – (Com um esforço violento, ele tira a espada da árvore e a

mostra a Sieglinde que é tomada por admiração e êxtase). (WAGNER, 2019, p. 120).

Ele a usou em seu duelo contra Hunding, marido de Sieglinde, mas Wotan interferiu no combate e a estilhaçou em pedaços:

Siegmund está prestes a dar um golpe fatal em Hunding quando um brilho vermelho intenso rompe as nuvens à direita; nele pode ser visto Wotan de pé sobre Hunding e segurando sua lança diagonalmente em direção a Siegmund. "Para trás perante a lança! Que a espada se estilhaça!" Ainda segurando seu escudo, Brünnhilde recua aterrorizada perante Wotan: a espada de Siegmund se estilhaça ao encontro da lança estendida. Hunding mergulha sua lança no peito indefeso de Siegmund. Siegmund cai no chão morto. (WAGNER, 2019, p. 157).

Após a morte de Siegmund, Brünnhilde coloca Sieglinde em seu cavalo, Grane, e voa até suas irmãs Valquírias implorando por ajuda, mas elas se recusam a ajudá-la. Ela revela a Sieglinde um local seguro, onde Wotan não poderia alcançá-la e lhe entrega os fragmentos da espada partida, Nothung, para que seu herdeiro possa reforjá-la:

Saiba somente disso e proteja-o sempre: o mais nobre herói do mundo, ó mulher você abriga dentro do seu útero protetor! (Ela pega os fragmentos da espada de Siegmund debaixo da sua cota de malha e entrega-os a Sieglinde) Para ele, mantenha em segurança os robustos fragmentos da espada; do campo de batalha de seu pai eu os peguei: quem quer que maneje a recém forjada espada receba seu nome de mim; que Siegfried (paz pela vitória) se alegre na vitória! (TOLKIEN, 2019, p. 172).

Anos se passaram até que Siegfried, filho de Sieglinde e Siegmund, questiona Mime sobre seus verdadeiros pais, e o Nibelungo revela que sua mãe lhe deixou um pagamento referente aos cuidados do recém-nascido Siegfried:

(Refletindo por um momento, depois pegando as duas partes de uma espada quebrada) - Sua mãe me deu isto: pelos problemas, alimentos e cuidados, ela deixou isto como um insignificante pagamento. Veja aqui uma espada quebrada! Seu pai, ela disse, portava-a quando ele caiu em sua luta final. (WAGNER, 2019, p. 210).

Siegfried se entusiasmou com a notícia e exigiu que o velho Mime reforjasse a espada para ele, como mostra em "E esses fragmentos você deve forjar para mim: então empunharei minha espada de direito! Somente nesses estilhaços eu coloco alguma confiança". (TOLKIEN, 2019, p. 211). Mime tentou, mas não conseguiu reforjá-la, até que Siegfried decidiu realizar a tarefa sozinho e conseguiu com êxito:

Nothung! Nothung! Temível espada! Agora você está mais uma vez fixada em seu punho. Embora uma vez em pedaços, eu forcei todos juntos, nenhum golpe jamais te quebrará novamente. O aço se estilhaçou nas mãos de meu

pai moribundo; seu filho que vive deixou-o como novo: nele seu brilhante resplendor agora reluz, para ele sua afiada lâmina corta puramente. Nothung! Nothung! Temível espada! Eu te despertei para a vida novamente. Você jazia ali, morta, em ruínas; agora você brilha, desafiadora e gloriosa. (WAGNER, 2019, p. 236).

Após apresentadas tais passagens, notou-se uma semelhança muito grande com relação às espadas. Como demonstrado, ambas as espadas foram partidas durante uma batalha, reivindicadas por seus herdeiros e reforçadas, de modo que elas tornaram-se um tesouro muito valioso para seus possuidores.

Para Koch (2011):

Todos nós já conhecemos o princípio segundo o qual todo texto remete sempre a outro ou a outros, constituindo-se como uma “resposta” ao qual foi dito ou, em termos de potencialidades, ao que ainda será dito, considerando que a intertextualidade encontra-se na base da constituição de todo e qualquer dizer. Em sentido restrito, todo texto faz remissão a outro(s) efetivamente já produzido(s) e que faz (em) parte da memória social dos leitores. (KOCH, 2011, p.101)

Logo, pode-se afirmar, em sentido restrito, que existe uma relação intertextual implícita entre as duas obras citadas, pois é notável e inquestionável a semelhança presente nas duas obras, mas, em nenhum momento, há uma citação direta da fonte do intertexto.

4.5 ALMA CORROMPIDA: SMÉAGOL E ALBERICH

Neste último subcapítulo, iremos analisar o efeito do Anel, em longo prazo, nas personagens Sméagol, de Tolkien, e Alberich, de Wagner. Vale ressaltar que o presente capítulo está intrinsecamente ligado ao primeiro “A Origem do Anel”, visto que as personagens mencionadas foram as principais portadoras do Anel durante toda a sua existência.

Começaremos com Gollum, que inicialmente era chamado Sméagol antes de possuir o Um Anel. Como dito no primeiro capítulo, acredita-se que sua raça era similar a dos atuais Hobbits do Condado, como afirma Gandalf no capítulo “A Sombra do Passado”:

Sobre suas origens pelo menos, eu sei mais que os próprios hobbits. E mesmo a história de Bilbo sugere um parentesco. Havia muita coisa no fundo de suas mentes e lembranças que era bem semelhante. Eles se compreendiam notavelmente bem, muito melhor do que um Hobbit compreenderia, digamos, um Anão ou um Orque, ou até um Elfo. Pense nas adivinhas que ambos conheciam, por exemplo. (TOLKIEN, 2019, p. 108).

Sméagol apossou-se do Anel após matar seu amigo Déagol, que o encontrou primeiro inicialmente e, em seguida foi expulso de seu vilarejo, partindo para a sombra das Montanhas Nevoentas e desaparecendo de qualquer conhecimento.

Em *O Hobbit*, de Tolkien, Bilbo Bolseiro foi o responsável pelo “roubo” do Anel, quando caiu dentro de uma montanha de orcs durante a sua jornada para a Montanha Solitária com os Anões. Gollum o encontrou e lhe propôs um jogo de adivinhas, mas Bilbo trapaceou perguntando “O que tem no meu bolso?” e a resposta era: o Anel, pois ele o havia encontrado ao cair no covil de Sméagol. Após notar a perda de seu Precioso, Gollum se desesperou e saiu de seu esconderijo, partindo em busca do Anel. Bilbo, depois de muitos anos, deu o Anel a Frodo, dando início ao *Senhor dos Anéis*.

Durante toda a jornada da Comitativa do Anel, Frodo acreditava ouvir passos e ver olhos brilhantes, como indica em:

Agora algo escalava devagar, e sua respiração parecia um chiado baixinho através de dentes apertados. Então, subindo perto do caule, Frodo viu dois olhos pálidos. Eles pararam e olharam para cima, sem piscar. De repente viraram-se, e um vulto sombrio deslizou e torno do tronco da árvore e desapareceu. (TOLKIEN, 2019, p. 489).

Até que, após várias aparições, Aragorn revelou que a criatura era Gollum:

Ah! Então você sabe do nosso salteadorzinho, não é? Ele veio andando atrás de nós, em silêncio, através de toda Moria e até o Nimrodel. Desde que embarcamos ele esteve deitado em um tronco, remando com as mãos e os pés. Tentei apanhá-lo uma ou duas vezes à noite; mas ele é mais manhoso que uma raposa e escorregadio como um peixe. Eu esperava que a viagem pelo rio o enganasse, mas ele tem demasiada habilidade na água. (TOLKIEN, 2019, p, 541).

Sméagol os seguiu durante, praticamente, toda a jornada, pois sua obsessão pelo Anel era maior do que o medo de ser capturado. A criatura, no segundo livro “As Duas Torres”, guiou Frodo e Sam até Mordor, chamando Frodo de Mestre, o Mestre do Anel: “Eu vou servir ao mestre do Precioso. Bom mestre, bom Sméagol, *gollum, gollum!*” (TOLKIEN, 2019, p. 892).

Após armar uma emboscada para Frodo no capítulo “A Toca de Laracna”, Sméagol se separou de Frodo e Sam, reaparecendo no último livro O Retorno do Rei, no capítulo “O Monte da Perdição”, caindo dentro do vulcão com o Precioso:

Subitamente, Sam viu as mãos compridas de Gollum se erguerem para a boca; suas presas brancas reluziram, depois estalaram com uma mordida. Frodo deu um grito, e ali estava ele, caído de joelhos na beira do precipício. Mas Gollum, dançando como louco, segurava o anel no alto, com um dedo ainda enfiado no círculo. Agora ele luzia como se fosse deveras feito de fogo

vivente. – Precioso, precioso, precioso! – Exclamou Gollum. – Meu Precioso! Ó meu Precioso! – E com essas palavras, mesmo enquanto tinha os olhos erguidos para se regozijar com sua presa, deu um passo longe demais, vacilou, cambaleou por um momento na beira, e depois caiu com um guincho. Das profundezas veio seu último lamento: – Precioso – e ele se fora. (TOLKIEN, 2019, p. 1355).

A criatura Gollum viveu mais de quinhentos anos sob a influência do Anel. Foi totalmente corrompido pelo Um, esquecendo-se de seu próprio nome. “Ele estava desgraçado por completo. Odiava o escuro e odiava a luz mais ainda: odiava todas as coisas, e o Anel mais que tudo.” (TOLKIEN, 2019, p. 109), pois o Anel corrompeu sua alma, e todos os seus pensamentos e sentimentos foram voltados a sua doentia obsessão pelo Um. “Ele o odiava e o amava (Anel), assim como odiava e amava a si mesmo. Não podia livrar-se dele. Não lhe restava vontade nesse assunto”. (TOLKIEN, 2019, p. 109). Não existia esperança para Sméagol, pois o Anel devorou por completo sua alma e mente.

Outra personagem muito similar a Sméagol é Alberich, o Nibelungo, do *Anel do Nibelungo*, que forjou o Anel a partir do Ouro do Reno. É possível notar a ganância de Alberich na primeira cena da ópera, quando a ninfa Wellgunde revelou que “A riqueza do mundo seria conquistada por aquele que forjasse do Ouro do Reno o anel que lhe concederia poder ilimitado” (WAGNER, 2019, p. 25) e ele demonstrou sinais de obsessão pelo poder respondendo: “Por meio da astúcia eu poderia impor meus prazeres?” (WAGNER, 2019, p. 26).

Quando Wotan e Loge sequestraram Alberich, pedindo todo o seu tesouro como pagamento, eles também exigiram o Anel, mas ele disse preferir a morte a ter que entregar o seu precioso Anel: “Minha vida, mas não o anel! Se eu resgatar vida e membros, devo também resgatar o anel: mãos e cabeça, olhos e ouvidos não são mais meus tanto quanto este anel vermelho vivo” (WAGNER, 2019, p. 74), e o amaldiçoa “Até que a argola roubada eu segure em minha mão mais uma vez!” (WAGNER, 2019, p. 76).

Anos se passaram, mas Alberich continuou a busca obsessiva pelo seu Anel. Na terceira parte da ópera, Siegfried, o Nibelungo é visto em frente ao covil de Fafner, esperando alguma oportunidade de reaver o Anel, como demonstra em: “Na floresta à noite, fico de guarda diante de Niedhöhle: meu ouvido está apurado, meu olho continua esforçadamente observando”. (WAGNER, 2019, p. 239).

O Nibelungo tentou de tudo para conseguir seu anel de volta, até mesmo pediu a Fafner em troca de uma informação sobre a sua morte iminente: “Somente o aro de ouro ele cobiça: dê-me o anel como recompensa e eu mudarei o desfecho do

conflito; você manterá o tesouro para si e viverá uma longa vida de paz!”. (WAGNER, 2019, p. 243), mas o dragão recusou a proposta.

Alberich, na última parte da ópera, *O Crepúsculo dos Deuses*, exigiu que seu filho, Hagen, recuperasse o Anel: “O anel de ouro, a argola, deve ser obtido! [...] Então se esforce para pegar o anel sem demora! [...] Eu criei Hagen para sentir um obstinado ódio, agora ele me vingará e conquistará o anel, você jura, Hagen, meu filho?” (WAGNER, 2019, p. 342).

Após matar Siegfried, Hagen exigiu o Anel como recompensa: “A herança do gnomo (Alberich) seu filho agora exige!” (WAGNER, 2019, p. 386), mas Brünnhilde tomou o Anel para si e pulou na pira funerária, fazendo com que o Reno transbordasse. Hagen, desesperado ao ver que perderia o Anel de seu pai, “apressadamente joga de lado sua lança, escudo e capacete e mergulha nas águas como um homem possuído: – Afastem-se do Anel!” (WAGNER, 2019, p. 391).

Tanto nas obras de Tolkien, quanto nas de Wagner, Alberich e Sméagol, em certo momento, foram separados de seu precioso objeto de obsessão: O Anel de Poder. Fato este que foi de suma importância no desenrolar das tramas. Desse momento em diante, as pobres almas de Sméagol e Alberich foram condenadas a vagar eternamente em busca do Anel.

Analisadas as passagens, podemos notar a influência que o Anel tem sobre seus portadores, sempre corrompendo suas almas, incitando-os à ganância extrema e o desejo obsessivo por tê-lo. Sméagol perseguiu o Anel durante toda a sua vida e morreu por ele. Alberich também buscou o Anel e foi tão obcecado por ele que seu desejo e ganância foram passados para seu filho Hagen, que se matou pelo Anel.

De acordo com as teorias de Koch (2009), podemos afirmar que há uma relação intertextual implícita, visto que é possível notar uma grande semelhança de acontecimentos no enredo das duas obras, mas sem qualquer citação ou referência a ópera *O Anel do Nibelungo*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das análises feitas, das comparações das passagens e dos estudos sistemáticos sobre a teoria da intertextualidade de Koch (2009), pode-se dizer que o objetivo do presente trabalho foi atingido de forma satisfatória. Objetivo este que visava encontrar e demonstrar a relação intertextual presente na obra *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien, e na ópera *O Anel do Nibelungo*, de Richard Wagner, comprovando, de forma concreta, a influência de Wagner na criação da Terra Média.

Após feitas tais análises e comparações, concluiu-se que J.R.R. Tolkien pode, de fato, ter se inspirado na ópera de Wagner na elaboração da sua maior e mais famosa obra *O Senhor dos Anéis*. Entretanto, também se chegou à conclusão que ambos os autores podem ter utilizado as mesmas fontes bibliográficas na criação de suas obras. Visto que é possível notar uma grande quantidade de elementos advindos das mitologias nórdica e germânica. Elementos estes encontrados nas Edda's (Poética e Prosaica), na *Saga dos Volsungos* e na *Canção dos Nibelungos*.

Ao comparar obras, é necessário um cuidado redobrado, pois isto aparenta diminuir o árduo trabalho do autor durante a criação de suas obras. O presente trabalho procurou, ao invés de diminuir, exaltar a produção dos autores mencionados, visto que ambos são mundialmente conhecidos e seus trabalhos renomados.

Desta maneira, espera-se contribuir positivamente com os estudos relacionados à intertextualidade e suas aplicações, evidenciando sua importância para a formação do leitor crítico e para as obras literárias. E, por fim, buscou-se contribuir com os estudos Tolkienianos e Wagnerianos, enaltecendo a Literatura Inglesa e a mitologia nórdica.

REFERÊNCIAS

CARPENTER, Humphrey. J. R. R. Tolkien: uma biografia. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Villaça. **Linguística textual**: uma introdução. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GALVÃO, Helena. **O Simbolismo da Espada**. São Paulo, n. 1, p 1-5, 2014.

GECK, Martin. **Richard Wagner**: a life in music. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1990.

KOCH, Ingedore Villaça, BENTES, Christina, CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, Flávia. **O poder da coroa e o poder do anel**: ressonâncias shakespearianas na literatura de fantasia de J. R. R. Tolkien. Belo Horizonte, n. 2, p. 1-14, 2016.

NICHOLS, Salie. **Jung e o Tarô**: uma jornada arquetípica. São Paulo: Cultrix, 2007.

Saga dos Volsungos. São Paulo: Hedra, 2009.

STURLUSON, Snorri. **Edda em Prosa**: Gylfaginning e Skáldskaparmál. São Paulo: Barbudânia, 2014.

TOLKIEN, J. R. R. **O Hobbit**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel.** Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

_____. **O Senhor dos Anéis: As Duas Torres.** Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

_____. **O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei.** Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

WAGNER, Richard. **O Anel do Nibelungo.** São Paulo: Barbudânia, 2019.